

A Transversalidade da Arte no Ensino Fundamental I:

Arte/Educação em projetos
interdisciplinares



Karina Aparecida da Cruz Ferreira
2023-2025

KARINA APARECIDA DA CRUZ FERREIRA

**A TRANSVERSALIDADE DA ARTE NO ENSINO
FUNDAMENTAL I**

Arte Educação em projetos interdisciplinares

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - UNESP, no programa de Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES, como requisito para obtenção do título de Mestre, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho.

Linha de pesquisa: Abordagens teórico metodológicas das práticas docentes.

Área de concentração: ensino de Artes

São Paulo

2025

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

F383t Ferreira, Karina Aparecida da Cruz (Karina Cruz), 1986-

A transversalidade da arte no Ensino Fundamental I : arte educação
em projetos interdisciplinares / Karina Aparecida da Cruz Ferreira. – São
Paulo, 2025.

79 f. : il. color.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.

Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual
Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Ensino fundamental. 3. Ensino. 4. Língua
portuguesa. 5. Abordagem interdisciplinar do conhecimento na educação. I.
Coutinho, Rejane Galvão, 1953-. II. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

KARINA APARECIDA DA CRUZ FERREIRA

A TRANSVERSALIDADE DA ARTE NO ENSINO

FUNDAMENTAL I: Arte Educação em projetos

interdisciplinares.

Dissertação aprovada em 09/05/2025 como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes- ensino de Artes- pelo Programa de Mestrado Profissional, Prof-Artes, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, pela banca examinadora:

Profª. Dra. REJANE GALVAO COUTINHO (Orientadora)

Instituto de Artes da UNESP- IA

Prof. Dr. SIDINEY PETERSON FERREIRA DE LIMA

Instituto de Artes da UNESP- IA

Profª. Dra. ELIANE PATRICIA GRANDINI SERRANO

Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design- UNESP-Bauru

Profª. Dra. MARISTELA SANCHES RODRIGUES

Instituto Federal de São Paulo – Campus Jacareí

AGRADECIMENTOS

Há uma sensação de gratidão e afeto por tudo o que me passou nesse percurso do mestrado.

Agradeço à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) pelo acesso ao mestrado, consolidação e expansão de minha formação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço a Prof^ª Dr^ª Rejane Galvão Coutinho por caminhar comigo nessa jornada, na qual me senti honrada desde o princípio por ser sua orientanda. Carrego um carinho enorme por essa oportunidade. Obrigada pelos momentos em que com naturalidade me acalmou, pelos incentivos, direcionamentos, por todas as vezes em que abri a câmera e me deparei com o seu sorriso iluminando a tela em nossas reuniões remotas. Obrigada pelo acolhimento, paciência, sabedoria e delicadeza sempre.

Aos professores da banca por aceitarem ser parte também desse momento: A querida Prof.^a Dra. Eliane Patrícia Grandini Serrano que com leveza e sensibilidade aportou tanto durante as aulas de Processos de Criação, Prof. Dr. Guilherme Nakashato e Prof.^a Dra. Maristela Sanches Rodrigues, que aceitaram o convite mesmo não conhecendo previamente o meu trabalho, mas por estar também acompanhada da professora Rejane, que fora orientadora de ambos e é querida de todos. Prof. Dr. Sidiney Peterson Ferreira de Lima, que admiro desde quando o conheci há dez anos na 31^a Bienal-SP, onde foi meu coordenador. Obrigada pelo cuidado, disposição e contribuições no decorrer da caminhada mesmo antes do mestrado. À Prof.^a Dra. Regina Stela Barcelos Machado, que fez parte da banca de qualificação, o que para mim é um enorme motivo de honra. Obrigada por todo o compartilhamento de saberes e espaço de convivência. Todo o meu carinho e admiração.

Aos meus colegas de programa, os discentes Prof-Artes 2023 por tudo o que aprendemos e nos ensinamos mutuamente.

Reconheço e agradeço as pessoas que estiveram em algum momento compartilhando comigo de minha trajetória de vida, pois tudo o que me aconteceu até aqui me constitui. Um “salve” a tudo e todas. Quero agradecer as minhas amigas e amigos que vibraram comigo desde o começo. Ao pessoal do *Sábado à Noite* (amigos do teatro) por serem família. Ao meu companheiro dialético de baile e pedagogia, com quem partilho tanto da vida e da sala de aula, Michael O. Lemos. Ao meu amigo James Ruiz, com quem compartilho também sobre o ensino e quem me incentivou e ajudou na primeira experiência de inscrição ao Mestrado em 2017. À Xica Lima e Murillo Sponda, companheiros de Rede e de Prof-Artes.

A equipe da Escola Municipal Sônia Regina Alonso Ostermayer onde desenvolvi a pesquisa. Obrigada por tanto! Obrigada por acreditarem em meu trabalho. Às professoras, as quais admiro enormemente por todo o amor e seriedade com o ofício, em especial Judith, Elaine B., Natacha, Patrícia e Ana. A equipe gestora, Diretora Juliana Amorim e coordenadora Leila Rocha, que apoiaram e participaram o quanto foi possível do projeto. E às crianças, que hoje estão pré-adolescentes. Muito carinho.

Ao meu núcleo cotidiano e familiar. Ao meu namorado Ronaldo Zero por ser companheiro para todos os momentos, por toda a força, presença e incentivo. Todo amor. Grata em tê-lo por perto.

Trigo, meu cachorro, companhia incondicional.

À minha família que me acompanha com entusiasmo e aprovação. Saúdo a minha sobrinha Kawane e sobrinhos Alan, Bryan e Guilherme. Grata ao Rogério, meu irmão, Catarina, minha irmã e Antônio, meu pai. À minha mãe Fatima em especial, pela presença em toda a trajetória de vida que me trouxe até aqui e à minha avó Nena que foi e continua sendo exemplo, alicerce e inspiração.

À todas as oportunidades e forças que me guiaram.



Minha primeira formatura. À esquerda com a mãe e a direita com a avó, 1991.

Acervo da família Cruz, 1991.

Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo. À medida que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada um ganha distinção entre si. O todo duradouro se diversifica em fases sucessivas, que são ênfases de suas cores variadas. (Dewey, 2010, p.111)

RESUMO

Esta pesquisa conta como uma proposta interdisciplinar entre Arte e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental I movimentou a Unidade Escolar em questão. Traz o relato também das vivências não esperadas e muito bem-vindas no decorrer do percurso, entendendo os pontos que tornam uma prática interdisciplinar e refletindo sobre as propostas como um todo. O projeto foi desenvolvido com metodologia de pesquisa participante e escrito em primeira pessoa pela professora de Arte das aulas relatadas.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; arte educação; ensino de arte; transversalidade; experiência estética; formação docente; leitura de imagem e de mundo.

ABSTRACT

This research presents how an interdisciplinary initiative between Art and Portuguese Language classes in Elementary School mobilized the educational institution under study. It presents an account of the unexpected yet highly enriching experiences that emerged throughout the process, while exploring the elements that characterize interdisciplinary practice and reflecting on the proposals in its entirety. The project was developed using participatory research methodology and is written in the first person by the Art teacher responsible for the reported classes.

Keywords: interdisciplinarity; art education; art teaching; transversality; aesthetic experience; teacher education; critical reading of images and the world.

SUMÁRIO

1	PARA COMEÇAR.....	10
2	MINHAS FONTES.....	12
	2.1 CONTEXTUALIZANDO	15
	2.2 O QUE VEIO ANTES	23
3	COMO FOI?	29
	3.1 ENTREVISTAS	34
	3.2 PINA_	51
	3.3 TARDE DE HISTÓRIAS.....	66
	3.4 HISTÓRIAS, METÁFORAS E FRASES POÉTICAS.	69
	3.5 PARALELAMENTE A TUDO ISSO	70
4	O QUE FICA, O QUE ESTÁ	76
	REFERÊNCIAS.....	81

1 PARA COMEÇAR

Esta pesquisa foi realizada no contexto do Mestrado Profissional em Artes – PROF- ARTES, pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. O programa PROF-ARTES tem como foco o ensino de arte e é destinado a professoras e professores da Educação Básica oportunizando acesso à formação continuada em nível superior de ensino. Foi muito importante acessar o Mestrado através deste programa que possui o caráter de abordar as relações de ensino ligadas à prática, onde encontro abrigo para o meu perfil de pesquisa. O PROF-ARTES é uma ponte entre a academia e a escola de Educação Básica. Nós professores buscamos voz para tratar de nossas urgências e a academia que está a formar novos docentes, acessa esse contexto. Do mesmo modo, a academia extrapola ainda mais os seus limites invisíveis e chega a possibilidades mais longínquas de transformações sociais através dos professores que multiplicam os saberes adquiridos na pós-graduação. Os meus anseios de pesquisa estão muito ligados ao cotidiano escolar, à prática docente, sua formação e seus processos de ensino aprendizagem. Espero conseguir compartilhar aqui o prazer de vivenciar esse percurso.

Arte Educação é um campo amplo de conhecimento, que por meio da arte e as diversas expressões artísticas como objetos de ensino, busca o aprendizado e o desenvolvimento humano integral. Dentre as áreas de atuação de arte-educadores estão o ensino formal e não formal. Estamos falando de escolas de Educação básica e Ensino Superior, espaços e eventos culturais como museus, exposições, apresentações, Organizações não Governamentais (ONGs), projetos sociais etc. Este projeto de pesquisa é direcionado para o ensino de Arte, especificamente na etapa do Ensino Fundamental I, contudo está contido no percurso experiências que extrapolam o âmbito do ensino formal e coloca-nos em contato com a arte também de outras formas.

A interdisciplinaridade é o mote desta pesquisa, pois através da integração entre disciplinas se ampliam as possibilidades de um aprendizado significativo por criar relações entre áreas do conhecimento, assim como é a vida na prática, estando o ensino vinculado de forma real com o cotidiano e a construção de saberes na formação integral das crianças.

A pesquisa foi realizada em âmbito escolar, com parceria entre as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa e no decorrer das atividades e vivências, observados os desdobramentos no cotidiano, nas relações e nas produções dos estudantes, partindo do questionamento: De que formas a arte em projetos interdisciplinares potencializa o aprendizado? Pensando não só em Arte enquanto disciplina, área do saber, mas refletindo sobre o contato e acesso com as artes. A pesquisadora é participante enquanto professora de Arte e o projeto que contagiou a escola, conta com a participação dos funcionários e turmas do período, percurso relatado a diante. O estudo sobre interdisciplinaridade encontra fontes em Hilton Japiassu, Ivani Fazenda e Ana Amália Barbosa e a prática docente é norteada por Ana Mae Barbosa com a Proposta Triangular e sua influência na Arte Educação, assim como John Dewey e o conceito de experiencia.

2 MINHAS FONTES

Vamos começar do começo, ou de onde acredito que tenha sido a fonte para as minhas propostas aqui nesse projeto. Participei de um *podcast*¹ há uns meses e me perguntaram de onde vinha a minha criatividade, comentei que a criatividade é algo que desenvolvemos. Na escola, por exemplo, trabalhamos muito esse desenvolvimento e existe desenvolvimento da criatividade para tudo, até para coisas que não são boas, não está relacionada só com a arte, mas direcionando para esse assunto, no meu caso o contato com a arte e o incentivo ao desenvolvimento da criatividade artística começou com o exemplo e convívio de minha avó materna e minha mãe. A minha avó, filha de indígena da região do Vale do Paraíba, perdera a mãe no parto e fora adotada ainda criança por uma mulher independente que mais tarde veio a trabalhar como atriz de cinema e participou de alguns filmes do Mazaropi. A minha avó sempre cantou bem, mas apesar de a mãe trabalhar como artista, não a deixou desenvolver carreira, uma pena. Cresci então com uma avó que viveu no Tatuapé em São Paulo, onde frequentava cinema, lia revistas sobre moda e artistas, usava roupas elegantes costuradas para ela, pintava unhas e usava penteado; que se apaixonou, segundo ela à primeira vista, detalhe, que sei de tudo isso, porque ela era uma excelente contadora de histórias; voltando, se apaixonou pelo meu avô, um português que trabalhava com fundição, minha avó me apresentou as esculturas feitas por ele que eles tinham guardadas, esculturas religiosas e muito bonitas; bom, essa mulher, veio para Mauá, São Paulo, criar galinhas, coelhos, puxar água de poço e criar seis filhos, cinco homens e uma mulher, a minha mãe. Ela era uma mulher diferenciada na região, tinha um universo ampliado por vivências diferentes das regionais. Minha mãe não foi uma frequentadora de bailes como a mãe dela e nem pôde se distrair com revistas, mas também não queria apenas seguir cumprindo etapas

¹ Podcast Papo do Véio, 2024. 1 vídeo (28:13 min). Publicado pelo canal O Forno, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6GsokARi_eg. Acesso em 02 de abril de 2025.

comuns sem refletir sobre seus propósitos e ao concluir a quarta série, antigo primeiro grau, decidi fazer curso de corte e costura. Ela trabalhou como costureira em uma oficina, mas não como criadora e ela é muito boa com os acabamentos, usamos roupas feitas por ela e inclusive costurou muitos figurinos meus. No teatro eu ajudei a criar e costurar muitos figurinos, pois através da minha mãe adquiri uma noção de costura. Elas, as duas ligadas ao trabalho manual como bordado, costura, tricô e crochê. A minha mãe sempre inteligente se aventurava no artesanato, via uma coisa interessante, tentava copiar e sim, reproduzia com louvor. Fui assim me contagiando por esse ar inquieto e de certa forma livre para o que se quer ser. A minha família pobre, só esperava que fôssemos honestos e trabalhadores, mas não empenharam em nós o peso de seguir essa ou aquela carreira, posso dizer que se orgulham pelo fato de eu ser professora tanto quanto por ser artista. Por família, abro parênteses: menciono que sou a irmã caçula de um trio, irmão mais velho, irmã do meio e eu, contudo não fui a mais mimada como culturalmente costumamos acreditar. Quero contar que a minha irmã não é ligada às artes, valoriza muitíssimo a memória cultural e é muito boa nas relações interpessoais, o meu irmão mais velho, sempre foi habilidoso com desenho e por um período se dedicou ao samba, tocou vários instrumentos e eu acompanhei muitos ensaios do grupo na garagem de casa, casa da minha avó que cedia espaço para os meninos. E meu pai, pedreiro por ofício, canta bem, faz primeira e segunda voz de canções sertanejas por robe. Tenho recordação dele tocando violão em minha infância e na minha fase já adulta com um repertório musical mais amplo, aprendi que ele conhece bastante de música.

Antes de iniciar aulas de teatro, eu já havia trabalhado com lembrancinhas de festa, feito cartões de Natal com papel vegetal e imãs de geladeira para vender. Houve um final de ano em que comprei a minha “roupa de Natal” com o meu dinheirinho. Minha avó tinha algumas amigas e eu a acompanhava nas visitas de tarde, passávamos a tarde conversando e, sim, eu com 8 ou 9 anos me sentia amiga das senhoras e aprendia muito com elas, acho que essa convivência e a observação foram repertório importante mais tarde no teatro. Conto aqui o que soma na minha bagagem, experiências que me trouxeram um olhar para o jeito do outro, como a outra pessoa faz, como ela existe no mundo. A minha avó costumava repetir “quem guarda tem”

usado para quando precisávamos resolver algo cotidiano, como um concerto ou coisa parecida e ela soltava um “acho que tenho algo que vai servir aí”, era sempre uma articulação e relação entre as coisas e cresci com isso.

Fazendo teatro desde a pré-adolescência e tendo começado a dança flamenca com quinze anos, lhes conto que o período entre adolescência e vida adulta, me dediquei passionadamente ao teatro e à dança, passava feriados e aniversários ensaiando, assistindo, produzindo. Com vinte e dois anos, comecei a trabalhar em escola estadual como Agente de Organização Escolar, fiquei por sete anos acumulando o emprego como servidora pública e os trabalhos artísticos. Em 2012, aos 26 anos, inicio a Licenciatura em Artes Visuais, finalizo em julho 2015 e começo a trabalhar em agosto do mesmo ano como professora de Arte da Rede Municipal de São Bernardo do Campo- SP. De 2008 a 2015, estive na Escola Estadual, no teatro, na dança, na Licenciatura, período em que fiz estágio na 31ª Bienal de SP (2014), dei aula no Projeto Mais Educação² na mesma Unidade Escolar em que trabalhava como Agente de Organização. Ainda em 2015, consegui, juntando os salários uma rede de apoio e mais dois empréstimos, viajar para a Espanha para estudar flamenco e em maio recebi o *1º Prêmio do Certamen da Feira Flamenca de SP*, evento anual que reúne pessoas de todo o Brasil e exterior. Me constitui acumulando cargos e funções e me dedicando verdadeiramente a transitar entre eles, me formando enquanto profissional e me realizando enquanto pessoa dentro das condições possíveis.

Tudo isso para dizer que uma das fontes para a minha proposta pedagógica ser interdisciplinar, é a minha própria história e forma de viver. Não quer dizer que seja uma receita, cada pessoa tem um caminho para a interdisciplinaridade e acredito que este foi o meu.

² Programa do Governo Federal que tem por objetivo ofertar atividades formativas no contraturno dos estudantes nas escolas públicas, ampliando a jornada escolar com foco na educação integral.

2.1 CONTEXTUALIZANDO

A nossa estrutura educacional é fragmentada, dividida por séries e disciplinas que podem se relacionar ou não na prática pedagógica e no processo de aprendizagem, a depender do educador e da equipe pedagógica. O conhecimento fragmentado, seja prático ou teórico, descontextualizado não tem grandes significados aplicáveis, pois passa e se vai, sendo assim não é absorvido e tão pouco transformado ou transformador.

Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome. (Dewey, 2010, p.123)

Para Dewey a experiência tem um desfecho e essa busca tem uma relação direta com a presente proposta de trabalhar com projetos interdisciplinares, pois têm objetivos cujo propósito é oportunizar experiências, tem início e fim, não uma finalização da ideia, mas uma consumação do proposto sendo este passível de continuidade, uma construção viva do saber. O aprendizado não deve ser monótono, passivo ou ainda inestético, no sentido de que deva criar significados, linhas de pensamento e sensações que ficam marcadas sob a percepção de cada um.

A arte é interdisciplinar por si, contudo isolada como disciplina pode perder força e seu potencial transformador se dilui no cotidiano. O mesmo ocorre com as demais disciplinas que sufocam no decorrer, não só pela demanda, mas também pelo desânimo contido no pouco avanço frente às inúmeras tentativas de compartilhar conhecimentos e estes não serem efetivamente apropriados pelos estudantes. Intrinsecamente contidas as variantes sociais, políticas, econômicas e culturais. Para os educandos, também é uma constante os altos e baixos a depender do assunto ou atividade proposta (não desconsiderando as adversidades naturais das relações humanas, como emoções, condições estruturais, diversidade, atendimento especializado etc., há as práticas que marcam, as aulas preferidas, mas em resumo o que fica são as experiências significativas e estas normalmente são aquelas que envolvem a escola, a família, enfim, as que extrapolam as paredes da sala de aula. O

trabalho pedagógico em projetos interdisciplinares tem em si potência de tocar a todas as pessoas envolvidas das mais diversas formas, nas mais variadas esferas e a criança participa em sua capacidade alargada pela liberdade de protagonizar sua aprendizagem.

A arte em projetos interdisciplinares tidos como experiência bem-sucedida, é sucesso também em desdobramentos à valorização da Arte na escola, ainda vista como facultativa, menos importante ou pior, que está a serviço de outras áreas de conhecimento. É preciso, dentre outros paradigmas, descolonizar esse olhar para a arte educação, por isso se faz tão necessárias as parcerias interdisciplinares. Nós arte educadores estamos sempre voltados para o processo, porque claro, sabemos de sua relevância, mas quem está de fora e desconhece as conquistas processuais, não tem dimensão de onde reverberam esses saberes. Em um projeto interdisciplinar, a troca entre os pares é parte da estrutura, assim sendo, um compartilhamento da complexibilidade e especificidade da Arte Educação como ciência.

Sobre interdisciplinaridade parece não haver um conceito fechado. Talvez pelo fato de também por essência estar aberta ao novo e a sociedade estar em constante mudança. Não temos e nem teremos uma receita pré-estabelecida a seguir, há muitas maneiras de ser interdisciplinar.

Interdisciplinaridade se dá de diversas maneiras. A definição de interdisciplinaridade é mais fácil pelo processo de exclusão, isto é, dizendo-se o que ela não é. Não é, por exemplo, prato feito preparado pelos professores para os alunos deglutirem. Compete ao professor planejar, mas não entregar as relações entre as artes e outros saberes já definidas. Interdisciplinaridade é trabalho de várias cabeças provocando as possibilidades do aluno estabelecer diferentes links. Não se faz interdisciplinaridade somente com conversa de corredor. Também não é necessário que dois ou mais professores estejam juntos, ao mesmo tempo na sala de aula. É necessário um projeto conjunto, que cada um saiba o que o outro vai ensinar e como; enfim comunalidade de objetivos e ações. Mas, principalmente, se faz necessária a constante revisão conjunta de resultados. As novas mídias estão produzindo muitos materiais bons para proceder estas revisões e assim estimular a interdisciplinaridade e a transversalidade da Arte nas salas de aula. (Barbosa, 2008, p. 3-4)

Assim podemos entender que para trabalhar interdisciplinarmente é necessário um planejamento conjunto, para que as partes, no caso as disciplinas

envolvidas, não estejam isoladas uma da outra, porém não necessitam acontecer juntas, ao mesmo tempo. Além disso, em um processo interdisciplinar, o aluno é protagonista de seu aprendizado, fazendo descobertas a partir da proposta das disciplinas envolvidas, nesse inter-relacionamento de informações que o conhecimento se constrói de forma relevante e significativa. A proposta interdisciplinar parte de uma necessidade. O conceito surge de demandas sociais na década de 60 na Europa, dentre elas a fragmentação do conhecimento em contradição ao mundo globalizado. A partir dessas necessidades, pesquisadores começam a se debruçar sobre o tema trazendo contribuições à educação e a tudo o que ela afeta.

Ivani Fazenda, uma das pesquisadoras precursoras sobre o assunto no Brasil, organiza teoricamente o movimento interdisciplinar entre as décadas de 70, 80 e 90. Não quer dizer que antes não houvesse práticas interdisciplinares e tão pouco que esteja posto em conceito fechado o que é interdisciplinaridade, mas sim estrutura-se um movimento pedagógico pautado na integração das áreas do conhecimento. Em um comparativo com o que Ivani apresenta como definição epistemológica simplificada e ótica das influências disciplinares, temos: (1970) construção epistemológica da interdisciplinaridade/ busca de uma explicitação filosófica; (1980) explicitação das contradições epistemológicas/ busca de uma diretriz sociológica; (1990) construção de uma nova epistemologia, a própria da interdisciplinaridade/ busca de um projeto antropológico.

Em uma terceira tentativa de organização teórica no movimento da interdisciplinaridade nas três últimas décadas nos indicaria que em:

1970- Procurávamos uma definição de interdisciplinaridade;

1980- Tentávamos explicitar um método para a interdisciplinaridade;

1990- Estávamos partindo para a construção de uma teoria da interdisciplinaridade. (Fazenda, 2012, p.18)

O que historicamente foi constituído nas três décadas, de 70 a 90 para a educação, deu-nos base para questionamentos outros, além de como se pode trabalhar em favor de uma aprendizagem significativa e sobre processos cognitivos de

aprendizagem; como se formam os professores. Assunto que permeia todo o contexto deste texto, mas que não será abordado com destaque para o momento.

Ainda sobre referências do estudo, Hilton Japiassu, dentre outras tantas contribuições, organiza o pensamento em modalidades de interdisciplinaridades, partindo dos tipos de relações interdisciplinares e as conceitualiza. Sobre um conceito geral de interdisciplinaridade:

[...] Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática. Em primeiro lugar aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos. Enquanto prática individual, a interdisciplinaridade não pode ser aprendida, apenas exercida. Ela é fruto de um treinamento contínuo, de um afinamento sistemático das estruturas mentais. Em segundo lugar a interdisciplinaridade aparece como prática coletiva. No nível da pesquisa propriamente dita, não pode haver nenhum confronto sólido entre as disciplinas sem o curso efetivo de representantes altamente qualificados de cada uma delas. É preciso que estejam todos abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar[...] (Japiassu, 1976, p.82)

Japiassu toca em um ponto importante da interdisciplinaridade que parte de disciplinas e não as esvazia ou as dilui e sim, tem um movimento de reflexão contínuo individual e coletivo. Os profissionais envolvidos devem ser qualificados, pois se trata de uma abordagem séria, que exige, além de predisposição e outras vontades esclarecidas dos educadores, o comprometimento com o que virá a ser trabalhado. Retomo Ana Mae: NÃO é prato feito ou conversa de corredor. Toco também na formação de professores, que tem sido cada vez mais breve e rasa. Seria de um ganho enorme se os educadores fossem formados sob o prisma da interdisciplinaridade e ensinados a trabalhar nesse contexto também.

Pesquisando interdisciplinaridade, encontro outros termos relacionados como pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade e me pergunto se o que proponho é interdisciplinar ou outra coisa e, relacionando com o título, se a arte é em si transversal.

Encontrei recentemente, aconchego em um livro de Ana Amália Barbosa, que se aproxima muito de minhas perspectivas de trabalho e filosofias de abordagens: “A abordagem é o conjunto de ideias e crenças sobre a aprendizagem, são as teorias nas quais nos baseamos e nas quais acreditamos para desenvolvermos uma metodologia” (Barbosa, 2007). Ainda sobre definições, Ana Amália pondera:

Transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade são muitas vezes confundidas entre si. Em parte por ultrapassarem os limites das disciplinas, do aprendizado especialista. No entanto, a transdisciplinaridade difere das demais por sua finalidade, que é a compreensão de mundo. (Barbosa, 2007, p.31)

Basarab Nicolescu (2001) por exemplo, sobre pluridisciplinaridade diz que é o estudo de um assunto, um objeto de uma disciplina específica, estudado por várias outras disciplinas, de modo que o objeto é enriquecido, estando o conceito de pluridisciplinaridade apoiado em disciplinas. A Interdisciplinaridade trabalha duas ou mais disciplinas, de forma que uma se apropria da metodologia e saberes da outra em uma integração colaborativa sem hierarquias. Já a transdisciplinaridade não se apoia em disciplinas, ela está entre, através e além. Por isso considero a arte transdisciplinar. Desta forma acredito que a arte é educadora em si, como área de conhecimento específico, não necessitando de justificativa para ser. No contexto escolar, no entanto, ela ultrapassa o espaço em si enquanto disciplina, pois extrapola o conhecimento específico que, através de seu aprendizado, se transforma em conhecimento de mundo e de si, portanto transversal. A arte na educação, está como está a Língua Portuguesa, ferramenta de linguagem, mas por si não cabe neste lugar e transborda sempre. Fayga Ostrower comenta:

As potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte. Em nossa época, as artes são vistas como área privilegiada do fazer humano, onde ao indivíduo parece facultada uma liberdade de ação em amplitude emocional e intelectual inexistente nos outros campos de atividade humana, e unicamente o trabalho artístico é qualificado de criativo. (Ostrower, 2001, p.5)

O desenvolvimento humano é integral, não estando os conjuntos que o constituem desvinculados ou em oposição. Não se trata de isso “ou” aquilo e sim,

isso “e” aquilo. O ensino da Arte transita o tempo todo em diálogo com outras áreas do saber estando imbricada à vida, seu desenvolvimento e seus saberes. O aprendizado significativo passa pela significância pessoal de cada pessoa com relação ao que foi visto e vivenciado, essa importância se faz na construção global de cada um, não estando esta segmentada. “O que é feito e o que é vivenciado, portanto, são instrumentais um para o outro, de maneira recíproca, cumulativa e contínua” (Dewey, 2010, p.131).

Com indícios de que a arte potencializa processos cognitivos de aprendizagem em outros campos do saber além do artístico. Qual a distância entre as minhas convicções teóricas e a minha prática pedagógica? De que formas a Arte em projetos interdisciplinares potencializa o aprendizado? De quais formas a Arte está presente no ensino? Ana Amália ressalta:

Nas minhas experiências com educação, tanto como aluna quanto como professora, percebo que o que realmente ficou na memória são aqueles momentos de aprendizado onde de certa forma como aprendiz eu tomava conta do meu aprendizado, onde as aulas não eram apenas expositivas, mas participativas, onde não só se repetia um padrão mas havia uma proposta de um trabalho criador, e isso em qualquer disciplina de qualquer nível, primário, secundário ou universitário. Nas aulas de arte isso fica muito claro pois o aluno é dono do seu trabalho, ele tem que tomar decisões e criar por conta própria, ele tem que ter uma participação ativa e não passiva em sala de aula, sendo essa a grande conquista do modernismo para o ensino de arte [...] (Barbosa, 2007, p.25)

Costumam se destacar sempre as práticas diferenciadas do todo no momento em que ela ocorre, exatamente por se diferenciar e trazer na experiência nova a curiosidade, disposição e abertura para o aprendizado, justamente porque essa “novidade” traz um novo olhar. Essa curiosidade e disposição seriam deliciosas se fossem cotidianas. É claro que não conseguimos realizar aulas revolucionárias todos os dias, mas é possível trilhar um caminho onde, mesmo que com pouca euforia, os estudantes sejam protagonistas, é o protagonismo que excita nas relações, é a valorização de quem você é naquele contexto que te move a querer agir nele e até a transformá-lo. Penso que esse movimento de autoestima e descoberta de si é sempre provável no âmbito da interdisciplinaridade, pois ela abarca as coisas todas que se

possa ser em um contexto estabelecido e nele propicia trocas. Já a arte nesse mote, é a responsável por esses saberes acionados em relações emocionais e cognitivas se configurarem transversais, por ultrapassar de sentidos conscientes e sentidos inexplicáveis, porém sentidos reais, toda e qualquer prática ou disciplina.

Para que um projeto interdisciplinar ocorra é necessário que parta do educador a vontade de aprender, pois indubitavelmente, o trabalho de elaboração conjunta, bem como o estudo e apropriação dos conteúdos e práticas da(s) disciplina(s) parceira(s) e todas as trocas profissionais e afetivas que ocorrem nesse processo modificam e enriquecem os saberes, é uma formação continuada, que exige disposição para buscá-la e construí-la. O professor é também produto do projeto interdisciplinar, estando em condição de construtor de seu processo de ensino aprendizagem enquanto educador.

Há uma pesquisa³ citada por Laurizete F. Passos e Maria de Fátima Chassot, desenvolvida por Ivani Catarina Arantes Fazenda e Marli Elisa D. A. André, a qual eram integrantes, que traz um estudo de caso que investigou como a construção do saber e do fazer didáticos de alguns professores da rede pública ocorriam. Enfocam uma das professoras que ao relatar sua história de vida, deu todo sentido ao seu perfil de trabalho enquanto professora. Segundo as observações da pesquisa, as superações de dificuldades e obstáculos encontrados na trajetória desta professora construíram a profissional que ela é. Isso faz todo o sentido, pois não se deixa de ser quem é para ser um novo a partir de uma formação profissional ou acadêmica, sua pesquisa e seu trabalho serão construtos de sua história. De fato, a pesquisa que parece sobre algo natural, trata do que não paramos realmente para analisar de forma consciente, racional e crítica nessas relações.

Eu, por exemplo, retomei mental e afetivamente minha trajetória e tem tudo a ver com minha forma de pensar e trabalhar. Nunca fiz uma só coisa, foi sempre isso

³ Em: FAZENDA, Ivani. (coord.). Práticas Interdisciplinares na Escola. São Paulo, Cortez, 2013. p. 92-106.

e aquilo. Minha avó materna, com quem passava a maior parte do tempo, tinha múltiplas habilidades artísticas e artesanais, além de ser uma pessoa de natureza crítica e poética. De minha mãe, outra mulher referência estrutural, tal como minha avó, tenho a racionalidade e a paixão em aprender, sempre procurando um saber novo. O gostoso dessas múltiplas habilidades é que faz parte de um todo que sou eu.

Ser interdisciplinar tem a problemática de algumas deturpações conceituais, contudo é uma atitude e pode ser abordada de muitas formas corretas. Interdisciplinaridade não é polivalência, no sentido minimizado, a imposta aos professores na década de 70, a da aplicação de conteúdos sem propriedade, até porque a interdisciplinaridade parte da disciplina, presumidamente bem trabalhada. A interdisciplinaridade tem histórico, tem conceitos, mas não tem receita, cada professor ativa essa perspectiva educacional a partir de sua identidade de formação e de história de vida e este é o ponto, pois para ser interdisciplinar há que ser disciplinar e considerar em sua proposta, o contexto, os sujeitos e seus interesses, caracterizando como base, sua identidade e a identidade do grupo em suas dificuldades e potencialidades em um processo horizontal e múltiplo.

O momento histórico atual é propício para abordagens interdisciplinares, temos muitos assuntos urgentes para tratar, e estes devem ser desenvolvidos de forma crítica e com propriedade sob uma perspectiva decolonial-transdisciplinar, percorrendo nossas identidades, culturas e histórias. Creio que possamos e precisamos seguir construindo o que se pode chamar de interdisciplinaridade.

Observando que o trabalho pedagógico em projetos interdisciplinares tem caráter gregário e convidativo a toda a comunidade escolar, e que dentro deste contexto há inúmeras formas de participação, sendo propositor de inclusão e desenvolvimento de potencialidades individuais em favor do fortalecimento e crescimento coletivos, enriquecendo vínculos entre estudantes, educadores, escola e comunidade, tornando potente o desenvolvimento intelectual, motor e emocional. Partindo de vivências e experiências, bem como reflexões sobre o ensino da Arte e seu lugar alfabetizador no Ensino Fundamental- Ciclo I, tecem, indubitavelmente, inquietudes e aspirações para o eixo de pesquisa e seus desdobramentos midiáticos.

Com a crença de que através da junção de observações positivas resultantes de experiências anteriores e necessidade de avançar na assertividade de uma aprendizagem significativa, propõe-se a interdisciplinaridade em projeto, estrutura que consolida a efetiva participação e representação dos envolvidos e suas multiplicidades é que se podem aproximar as mudanças a que somos capazes através da educação.

2.2 O QUE VEIO ANTES

Durante a pandemia de Covid-19 e o isolamento social decorrente, observou-se dentre tantos aspectos novos, alguns aspectos positivos conquistados pela necessidade de atender uma demanda, essa necessidade fez com que os envolvidos no processo ensino aprendizagem encontrassem ou criassem soluções para cumprir a rotina, então educadores buscaram recursos para atender os estudantes a distância, a escola se reinventou e os educandos por sua vez, também se adaptaram a essa nova realidade, alguns mais outros menos, mas de forma geral, desenvolveram nesse período habilidades significativamente conquistadas para além da sala de aula. Nas aulas de Arte, observou-se avanço na habilidade de contextualizar e produzir em atividades como recorte e colagem, relevo, escultura com materiais diversos, desde domésticos a naturais, as crianças foram levadas a enxergar arte na própria cozinha, ver dança nos afazeres domésticos, música nos ruídos e reconhecer a teatralidade nas conversas familiares. Refletiram sua solidão, deram valor à presença, conheceram a saudade. Retornaram às aulas presenciais com ganas de conviver, a escola se depara então com um quadro de múltiplas realidades, de aspectos positivos e outros nem tanto, contudo habilidades transversais oportunamente desenvolvidas. No que tange a Arte na escola, Regina C. A. R. Prandini pondera que:

O reconhecimento de que também lidamos com o domínio da afetividade e do ato motor tem conduzido os professores a atribuir maior importância às disciplinas de Educação Física e Arte, como se apenas nelas houvesse espaço para essas dimensões. (Prandini, 2004, p.37)

No ano de 2020 e início de 2021, período de isolamento social devido a Covid-19, no contexto de aulas remotas, criei sequências didáticas, cuja materialidade ou espacialidade fosse adaptável e possível de realizar de diversas formas, foi um desafio enorme, não só para mim, como para qualquer educador. Em Arte-educação, apegando aos pontos positivos, foi possível perceber o desenvolvimento da criatividade na busca de soluções para a realização das tarefas, além da possibilidade de artificar (tornar artístico) o cotidiano, ou tornar cotidiana a arte. Estreitei a parceria com o professor de Educação Física e iniciamos o ano de 2021 com uma sequência didática interdisciplinar sobre brinquedos e brincadeiras e sugerimos a constituição de uma “caixa de variedades”, caixa esta a qual recorreremos no decorrer do ano. A tal caixa seria composta por materiais recicláveis, sobras de materiais escolares, sucatas, barbantes, pequenos objetos etc. Ainda sobre este período, dentre memórias que marcaram, a de uma mãe que enviava as atividades feitas pela filha e as feitas por ela também, e eu corrigia e dava devolutiva das duas, pude nesse período conhecer muito mais da comunidade e famílias.

O processo pelo qual passamos de certo modo, trouxe também para as crianças o sentido criativo de resolução de problemas, por exemplo, que não tínhamos as condições adequadas para realizar os trabalhos e que mesmo assim deveríamos fazê-lo, buscando solucionar e não paralisar diante da dificuldade como impossibilidade. Não no sentido de aceitar e naturalizar a defasagem seja de material ou local como aceitável, mas sim a reagir com atitudes criativas irreverentes à impossibilidade que se impunha no momento. As crianças comentam ainda hoje sobre alguma atividade ou material usado em casa como “professora, lembra que fizemos isso em casa?” “A senhora disse que poderia usar folhas e gravetos”, ou mesmo uma mãe entregando cones de linha para a professora de Arte, coisas que não aconteciam antes e que agora aparecem como iniciativas de participação criativa da comunidade, algo que seria descartado, pode se tornar um objeto artístico. Hoje, posso dizer das aulas de Arte, que as crianças têm sugerido mais sobre materiais e temas, com liberdade, demonstrando seus interesses com certa intimidade em seu processo de aprendizagem.

Em 2021 concluí Pedagogia pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) a fim de me apropriar dos conceitos de alfabetização e de com maior propriedade legitimar a Arte neste contexto. Isso também me impulsionou a querer ainda mais interagir com as outras profissionais e as outras disciplinas.

Ainda em 2021, com alunos do 4º e 5º anos da EM Sonia Regina Alonso Ostermayer, participei junto às professoras polivalentes das respectivas séries, do Projeto Planeta Água da Horizonte Educação e Comunicação⁴, cuja finalização foi a produção de um “Planeta Água”⁵, feito pelas crianças sob minha orientação, exposto no shopping da cidade. O projeto abrangeu várias unidades escolares. Nós trabalhamos em percurso interdisciplinar, tivemos uma formação e em sala desenvolvemos o tema água com a contextualização e pesquisa sobre nascentes, preservação, poluição, uso consciente, aspectos visuais e por fim a personalização de nossa Terra que foi batizada com referência indígena de Jamaru (planta cucurbitácea de que se faz uma espécie de vasilha para água) e para a sua feitura, produzimos nossas próprias tintas com condimentos como açafrão, cominho, colorau, café etc. O objeto artístico representa uma Terra feminina que está sufocando pelas mãos humanas.

⁴ <http://projetoplanetaagua.com.br/> . Acesso em: 02 abr. 2025.

⁵ https://www.youtube.com/watch?v=FpYrX4n_cls . Acesso em 02/05/2025.

Figura 1- Jamaru-escultura customizada para o Projeto Planeta Água- Suzano 2021.



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Legenda: Jamaru, 2021. Projeto Planeta Água. Objeto artístico produzido pelos estudantes do 4º e 5º ano do período da tarde na EM Profª Sonia Regina Alonso Ostermayer.

A articulação entre professoras e disciplinas nesse projeto, que trouxe o foco para a Arte, rendeu abertura para a vivência e entendimento de um processo de criação. Nos debruçamos no tema para decidir como esteticamente faríamos, eu coordenaria a produção, contudo a participação era efetiva de todas, inclusive na prática. Em consenso decidimos os materiais, a proposta, a forma. Parte da produção, no caso as mãos em papel, foram feitas nas aulas delas e aplicadas na obra durante as minhas aulas. Abriu-se uma valorização para o processo de criação artística, pois a partir dessa experiência que as tocou, puderam também conhecer que em uma há muito envolvido até que se chegue em uma produção final para expor. Eu como professora de Arte, achei proveitosa a oportunidade, me vali das relações profissional e afetiva com as minhas parceiras e fiz desse processo uma ação afirmativa para o meu trabalho, minha formação específica e meu espaço, bem como a validação da

Arte como campo de conhecimento. Rejane G. Coutinho, sobre a arte no ensino expressa:

De um ensino exclusivamente voltado para o desenvolvimento de habilidades artísticas, estamos passando para um ensino articulado em que a arte como conhecimento, como expressão e cultura deve ser considerada em seu contexto de origem e de recepção com suas vinculações sociais, econômicas e políticas. [...] A tarefa do arte-educador amplia-se, o que favorece tanto a ele quanto aos estudantes para maior imersão no campo da arte e da cultura. (Coutinho, 2009, p.173)

Em 2022 desenvolvi uma sequência didática sobre histórias em quadrinhos. As turmas envolvidas foram dois 4º anos, os quais acompanhei desde a Educação Infantil. Compunham grupos distintos, um mais agitado e produtivo e outro mais calmo e tímido. A atividade em si surge de assunto do material didático, a história em quadrinhos, que resolvi propor a partir de uma história contada rebuscada de meu repertório pessoal com a experiência de contadora e histórias da época em que me dediquei ao teatro. A intenção era que recontassem a história verbalmente e depois dividida em cenas nos quadrinhos, foi durante esse levantamento que comentei que se sairiam bem com o teatro, logo eles se olharam e animados disseram: vamos fazer professora? Avaliei o tempo que teríamos, adaptei e inseri a proposta no cronograma. Iniciamos a partir da produção de quadrinhos, mas não como conclusão e sim parte do processo. As escolhas a partir de então foram feitas oportunamente em conjunto, assim o interesse e engajamento foi praticamente integral nos vários momentos vivenciados por nós. Após a construção do texto, as aulas eram divididas em leitura e interpretação e, produção de cenário e adereços. Os cenários foram desenhados em papel kraft ou construídos com fundo em TNT e EVA, gerenciado por mim, elaborado e confeccionado pelos estudantes. Os encontros eram na sala de aula, ficávamos mesmo ali e não em outro lugar, por se tratar do ambiente mais íntimo das turmas. Bem como as apresentações foram nas respectivas salas (apresentar para um público maior não é fácil, então melhor mesmo é estar em local familiar), em que abrimos o máximo de espaço possível e espalhamos colchonetes para receber as crianças do 2º, 3º e 5º anos.

O projeto ocorreu nas aulas de Arte somente. Foi dirigido por mim em construção coletiva com os estudantes, as demais profissionais acompanharam por observação e trocas de relatos apenas. As professoras do período costumam apoiar os projetos e este não foi diferente, planejamos junto à gestão pedagógica, a inserção da data de apresentação na agenda do período para que todos pudessem participar. No final do processo, apresentamos para as outras turmas do período com o formato de ensaio aberto, foi bastante descontraído e vimos a atenção das crianças menores para a apresentação e para o interesse de fazer teatro também. A coordenação, Direção e demais funcionários também assistiram a apresentação. Tudo foi registrado em fotos pelos vários adultos expectadores que vivenciavam aquele momento com admiração e pertencimento.

As crianças se envolveram, protagonizaram os afazeres e foram colaborativos na organização das aulas no contexto prático. Esperei que vivenciassem o fazer artístico com interesse e autonomia, com identidade. Na verdade, conseguimos mais do que isso, pois a prática de construção, leitura e interpretação de texto dramático reverberou em melhora no rendimento e engajamento nas aulas de Língua Portuguesa, segundo relatos das professoras em nossas conversas de trocas cotidianas e pontuações em reuniões pedagógicas, o que legitimou o trabalho realizado no que diz respeito ao processo de ensino aprendizagem e produção cultural. A vivência trouxe de forma despojada uma evolução considerável no rendimento em Arte, Língua Portuguesa e não menos importante em nossa relação que se estreitou ainda mais. Esse processo aconteceu nos dois quartos anos do período da tarde, eram 4ºB e 4ºC, que se tornaram os quintos anos de minha pesquisa.

3 COMO FOI?

Vou compartilhar aqui o percurso do projeto de pesquisa e desenvolvimento de material para a investigação em questão, realizado na Escola Municipal Sonia Regina Alonso Ostermayer, Suzano-SP. O relato será em primeira pessoa. Eu, enquanto pesquisadora, sou também a professora de Arte deste projeto e a metodologia de pesquisa foi participante, não poderia me distanciar para investigar. Sendo a pesquisa participante⁶ caracterizada pelo envolvimento de quem pesquisa com a comunidade e situações investigadas, neste caso carrega também o caráter qualitativo, quando a investigação acontece através de discussões, rodas de conversa e observações. O meu objetivo não está em mensurar numericamente qualquer resultado, mas considerar na experiência, dados para a investigação sobre o ensino de arte em um contexto interdisciplinar com suas múltiplas significações.

Vou contar não somente o realizado, mas o que se pretendia e como a pesquisa enriqueceu pela participação da comunidade escolar e pelo que fui vivenciando e aprendendo no decorrer do mestrado, nas disciplinas cursadas, com as professoras e os professores e com os meus colegas de curso. Por ordem cronológica, vou percorrer os caminhos que o projeto foi seguindo, quanto ao planejamento e as ações que foram se adaptando, tanto por impossibilidade de não concretizar algumas propostas, mas também pelo envolvimento das pessoas ir transformando e reformulando os planos até a proposta se tornar uma experiência coletiva.

Devo começar pelo acolhimento e entusiasmo da equipe gestora e de professores ao receberem a notícia de que meu projeto havia passado para o mestrado e que a pesquisa deveria ser realizada na escola. Fui bastante apoiada pela equipe, que tomou conhecimento da notícia durante a Hora de Trabalho Pedagógico de

⁶ A pesquisa participante ficou conhecida com Bronislaw Malinowski, antropólogo, precursor da pesquisa de campo. Em suas investigações a aldeias, ele passava longos períodos com a comunidade local, aprendendo a língua, costumes e participando cotidianamente.

Formação (HTPF), realizada semanalmente. Apresentei a ideia de que trabalharia com a turma do quinto ano apenas e necessitaria realizar planejamento com a professora polivalente da turma, ela se dispôs, assim como as demais, caso quisesse ou precisasse, elas estariam à disposição. Na verdade, eu senti que todas gostariam de participar, surpreendentemente era como uma conquista da Unidade Escolar, algo importante como uma pesquisa iria acontecer ali. Importa também valorizar essa reação por estar alicerçada em nossas relações interpessoais, construída ao longo dos anos. Relações profissionais e de amizades, umas mais próximas e outras menos, mas de convivências regadas de respeito e admiração mútuas e, muito carinho pelo trabalho. Neste momento eu atuava em três escolas no total, duas pela Prefeitura de Suzano e um colégio particular, fora as aulas de dança no período noturno. Do Colégio eu pedi demissão e solicitei à Prefeitura uma licença para estudos, licença essa, concedida no mês de março de 2023. O Mestrado Profissional, exige um número mínimo de horas com vínculo em sala de aula, como a minha pesquisa seria com uma de minhas turmas, a exigência foi atendida, no entanto, não necessitaria comparecer na escola em todos os dias da semana, assim a minha carga horária passou de 30h para 10h, frequentando a escola por dois dias na semana. Quando um profissional sai de licença, as aulas do mesmo são disponibilizadas para que outro professor assuma as turmas pelo período correspondente. Visto que as turmas não foram atribuídas a outro professor de Arte e eu recebi muito apoio e incentivo da equipe, resolvi propor um combinado. As professoras pedagogas recebem para dar a aula quando não há o especialista (professoras(es) de Arte e Ed. Física) e eu também estava recebendo estando de licença, achei equilibrado propor dividirmos a carga horária, eu daria uma aula por semana em cada turma e elas a outra, totalizando duas aulas de Arte semanais, atendendo a grade horária. E foi assim que o envolvimento das turmas não focadas na pesquisa e professoras aconteceu, partiu de uma vontade espontânea das educadoras em trabalhar com o tema proposto por um projeto de pesquisa e essa vontade aguçou a curiosidade das crianças. Por tema proposto digo da integração das áreas do conhecimento. Não foi possível planejar todas as ações em conjunto com elas, mas conseguimos articular uma sequência didática integrada com características

da interdisciplinaridade, como a continuação, o diálogo de um mesmo assunto entre uma aula e outra, uma combinação prévia no planejamento e a oportunidade de as crianças criarem, com autonomia, relações entre as disciplinas durante o aprendizado. Essa abertura e envolvimento gerou uma integração de ideias no período como um todo, pois estávamos em contato cotidiano. Este fenômeno conto logo à frente, por hora, vou focar no quinto ano, como se deu o planejamento e as ações.

Inicialmente, a minha proposta era desenvolver um projeto interdisciplinar entre Arte e Língua Portuguesa, (durante um bimestre), com o 5º ano do Ensino Fundamental I. A interdisciplinaridade é uma abordagem composta por duas ou mais áreas do conhecimento, agregando à prática, métodos e teorias das disciplinas envolvidas em favor de uma ação conjunta, cujo objetivo é relacionar e construir conhecimentos através da inter-relação do vivenciado entre uma prática e outra, entendendo todos os participantes como protagonistas. No caso do projeto em questão, Arte e Língua Portuguesa se uniram em favor de contribuir para uma alfabetização crítica e, por alfabetização aqui, entendemos a leitura de palavras, imagens e mundo. Para tanto foi necessário que a professora pedagoga e eu nos reuníssemos para um planejamento conjunto e esse momento esteve muito ligado a predisposição de ambas em realizar o projeto, pois nos reunimos também fora do horário de trabalho, de forma remota e presencial. Além de planejar as ações é preciso aprender sobre a outra disciplina. Metodologias e pensamentos são compartilhados e apropriados por ambas as partes, portanto foi imprescindível a abertura para aprender outras abordagens pedagógicas, as praticadas pela parceira. O trabalho de elaboração conjunta, o estudo, a apropriação dos conteúdos e práticas entre as disciplinas parceiras e todas as trocas profissionais e afetivas desse processo, fazem parte de uma formação continuada, que exige disposição para buscá-la e construí-la. Somos propositoras, mas também discentes do projeto interdisciplinar, em condição de construir o nosso processo de ensino aprendizagem enquanto educadoras.

[...] Em suma, a interdisciplinaridade não é apenas um conceito teórico. Cada vez mais parece impor-se como uma prática. Em primeiro lugar aparece como uma prática individual: é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de

desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos. Enquanto prática individual, a interdisciplinaridade não pode ser aprendida, apenas exercida. Ela é fruto de um treinamento contínuo, de um afinamento sistemático das estruturas mentais. Em segundo lugar, a interdisciplinaridade aparece como prática coletiva. No nível da pesquisa propriamente dita, não pode haver nenhum confronto sólido entre as disciplinas sem o curso efetivo de representantes altamente qualificados de cada uma delas. É preciso que estejam todos abertos ao diálogo, que sejam capazes de reconhecer aquilo que lhes falta e que podem ou devem receber dos outros. Só se adquire essa atitude de abertura no decorrer do trabalho em equipe interdisciplinar[...] (Japiassu, 1976, p.82)

Em uma proposta interdisciplinar não há hierarquia entre as disciplinas, ambas as áreas do conhecimento possuem a mesma importância, contudo nessa proposta a arte é propositora, não dando mais notoriedade à disciplina de Arte em detrimento a Língua Portuguesa, mas ao mesmo tempo validando a importância da arte como área do conhecimento. Vale salientar a relevância de ter Arte como protagonista nesse processo e não como apoio a outras disciplinas.

A disciplina Arte é obrigatória no Ensino Fundamental I e II (antigos 1º e 2º grau) desde a década de 1970, contudo não tinha a arte um espaço como área do conhecimento e estava inserida em um currículo prioritariamente profissionalizante direcionado a formar mão de obra para empresas multinacionais. Arte era considerada atividade e não disciplina. Na década de 1980, a arte na educação esteve muito associada a espontaneidade e expressão, o que é compreensível, visto que saíamos de um período de ditadura militar. Os educadores possuíam uma formação rasa e defasada, muitos tinham por fontes de ensino os livros didáticos, livros estes com novas imagens, mas formulação como os das décadas de 1940 e 1950 sobre desenho geométrico. Ainda na década de oitenta, uma reformulação dos currículos para o 1º e 2º graus, determina Português, Estudos Sociais, Matemática e Ciências como matérias básicas, ou seja, as importantes, porém em outro parágrafo exige a Educação Artística como parte integrante do currículo, quer dizer, obrigatória, mas não importante e acredito que vivamos à sombra disso até os dias de hoje. Muitas vezes ouvimos dizer “Arte? Acho que é importante se está no boletim, se vale nota”, o que não expressa valorização alguma do ensino da arte, pelo contrário é de um

menosprezo irracional ofensivo e que permanece ainda, mesmo depois de inúmeras conquistas, enraizado no pensamento comum. E falando de conquistas, no início dos anos 1990, Ana Mae Barbosa⁷ inaugura uma sistematização muito palpável e aplicável a todo contexto de ensino que é Abordagem Triangular, cuja prática é composta por três eixos que são: leitura ou apreciação, contextualização e o fazer artístico. A Abordagem une teoria e prática, de modo que a arte como campo de conhecimento é validada, pois não se pauta só no fazer como pretexto de rasa livre expressão e tão somente, o estudo sem a vivência. A Abordagem Triangular traz para o ensino da arte uma sistematização capaz de abrigar as variadas metodologias dos educadores em direção a uma aprendizagem significativa das artes. A contribuição de Ana Mae para o ensino da arte no Brasil trouxe um novo olhar e um novo lugar para essa área do conhecimento, os inúmeros registros midiáticos partindo de sua proposta, comprovam ensino aprendizagem significativos e transformadores por todo o país. ⁸O trabalho de Ana Mae Barbosa nos rendeu e continua a contribuir com o ensino de arte e com a educação como um todo. Os profissionais com quem trabalhamos muitas vezes foram formados em um período em que a disciplina de Arte não tinha ainda o espaço que deveria, assim como pais, mães e avós dos nossos alunos, pessoas com uma ideia superficial sobre a disciplina de Arte muito ligada a expressão e criatividade ainda assim de maneira desvirtuada tendo como exemplo os desenhos livres e desenhos para colorir, decoração e atividades para datas comemorativas, ou ainda uma aula como momento de recreação. Dito isso, retorno na importância de ter a Arte como propositora dessa pesquisa na escola em que trabalho, onde não tenho problemas quanto ao meu espaço, contudo não é do conhecimento de todos que a arte não seja somente obrigatória, mas essencial no currículo e na vida.

⁷ Ana Mae Barbosa (1936) educadora brasileira, precursora da pós-graduação do ensino de artes. Principal referência em arte educação no Brasil.

⁸ Ver mais em BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014

O projeto tinha como base da proposta falarmos sobre arte, seja assistindo, lendo, pesquisando ou fazendo. Trabalhamos a partir de objetos artísticos e aspectos da vida e obra de alguns artistas para as vivências e produções. A perspectiva era através da arte, desenvolver leituras, produções e reflexões críticas sobre o contexto local e a perspectiva de cada um sobre si e o meio. Para isso, dialogamos entre as disciplinas de Arte e Língua Portuguesa sobre arte. O intento era que o contato com as artes pudesse enriquecer o processo de ensino aprendizagem pelo aspecto transdisciplinar que a arte tem. A transdisciplinaridade diz respeito ao que está entre as disciplinas, ao que atravessa as mesmas e ao que está além, como diz Ana Amália Barbosa “por sua finalidade, que é a compreensão de mundo” (Barbosa, 2007, p.31).

Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 2008, p.100)

3.1 ENTREVISTAS

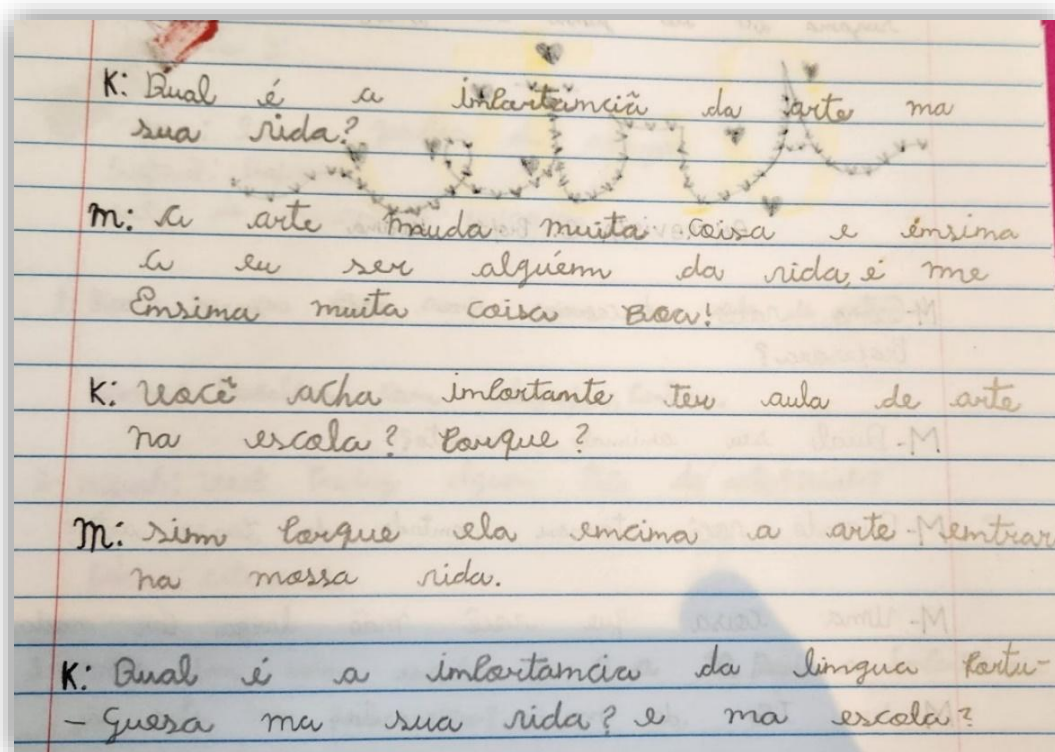
Para o planejamento do 5º ano, trabalhamos de forma interdisciplinar quatro propostas, a primeira sobre gêneros textuais. A professora revisando conteúdos, sugeriu os gêneros entrevista e reportagem, a intenção era criar produções que pudessem ser expostas também. A segunda seria a visita à Pinacoteca do Estado de São Paulo. Neste passeio a proposta, além da experiência física com o espaço expositivo, acesso a originais de obras vistas em sala, faríamos um jogo relacionando a escrita com imagens (em que a partir de textos escritos em cartões com descrições de uma imagem, os estudantes deveriam encontrar a obra correspondente) e na volta a sala de aula, produções textuais sobre a vivência. Fazia parte do plano levar alguns artistas próximos do nosso cotidiano para as crianças conhecerem e entrevistarem, próximos diz-se conhecido de alguém da comunidade. Além de mim que fui entrevistada logo de início, consegui levar uma amiga contadora de histórias e autora. Tive intenção de levar outros amigos artistas, mas entre planejamentos a agendas não deu certo. A intenção era aproximar a arte e artistas em encontros na escola para desmistificar a ilusão de que artistas são apenas os da televisão ou dos livros, que é

possível que em nosso meio de convívio haja pessoas artistas plásticas, da dança, da música e da atuação. Abro parênteses para esclarecer que não desconsidera-se aqui trabalhos manuais como costura, bordado, marcenaria, entre outros e, presentes nas famílias dos alunos muitas vezes, mas que trabalhamos na tentativa de diminuir a distância entre o consolidado como arte, seja pela mídia ou pela história da arte e os estudantes, residentes em uma região descentralizada, pobre e rural, onde o acesso à arte acaba sendo majoritariamente através da escola. Acessar o original de uma pintura, por exemplo, e vivenciar um espaço expositivo destinado a isso, envolve também múltiplas significações na elevação da autoestima, quanto a acessar algo que parece destinado às classes favorecidas apenas, é uma espécie de rompimento de uma barreira invisível, porém existente. Esse movimento agrega valor na percepção de si no mundo, são novas possibilidades, novas realidades. O movimento de adquirir conhecimento e experiências externas, voltar e ver o que se tem próximo, faz com que o que se tem seja reconhecido e valorizado também. Principalmente a partir do período vivenciado na pandemia de Covid-19 quando falamos, investigamos, apreciamos e produzimos bastante sobre os trabalhos manuais presentes nas famílias. Para validar trabalhos manuais conhecidos de perto, é importante o movimento de conhecer outras coisas, de ampliar repertório e por si, poder reconhecer que aquilo é arte, pois leva características específicas, conhecidas através do estudo e da experiência com outras artes. Para fechar, a terceira e quarta propostas foram sendo decididas no decorrer do projeto, pois dependíamos das agendas da escola e artistas.

O início com os estudantes se fez com o estudo do gênero entrevista na aula de Língua Portuguesa, esse estudo eles aplicaram comigo na aula de Arte me entrevistando. Tudo registrado por escrito. Essa entrevista virou cartazes em que fizeram colagens com manchetes com o meu nome e detalhes da entrevista, como uma revista de variedades. Saíram coisas como “a professora Karina disse que pintaria o cabelo de ruivo” ou “Professora Karina diz que se não fosse dançarina, provavelmente seria cantora ou algo relacionado com moda”. Essa produção de cartaz foi feita também na aula de Língua Portuguesa. Na aula de Arte, retomei com eles os aspectos da entrevista e os entrevistei, cada um registrou as perguntas e as respostas por escrito. Perguntei sobre arte na vida de cada um, sobre a aula de Arte,

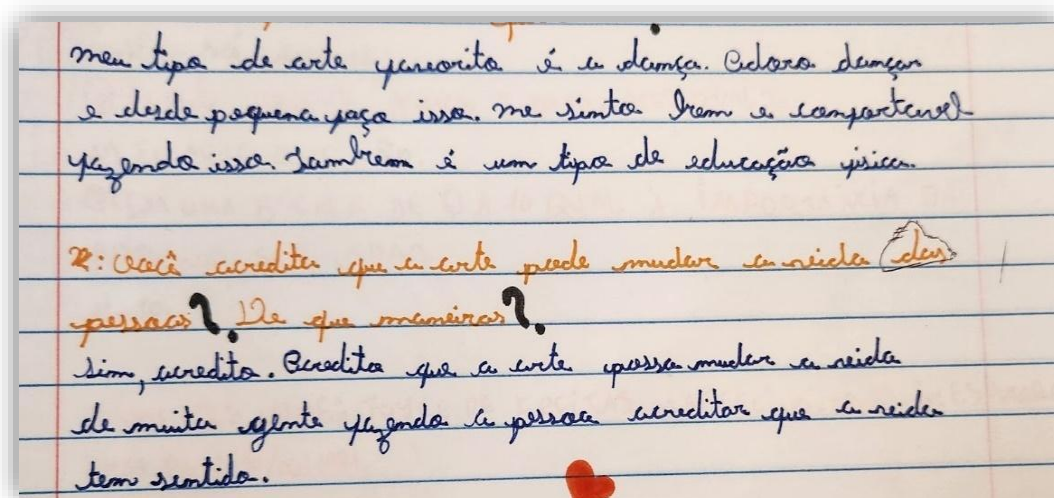
etc. As perguntas eram pessoais, mas buscavam para mim reflexões do lugar da arte para eles e o lugar que as aulas de Arte ocupavam nesse contexto. Alguns registros:

Figura 2- Entrevista feita com estudantes do 5º ano- Suzano, junho de 2023.



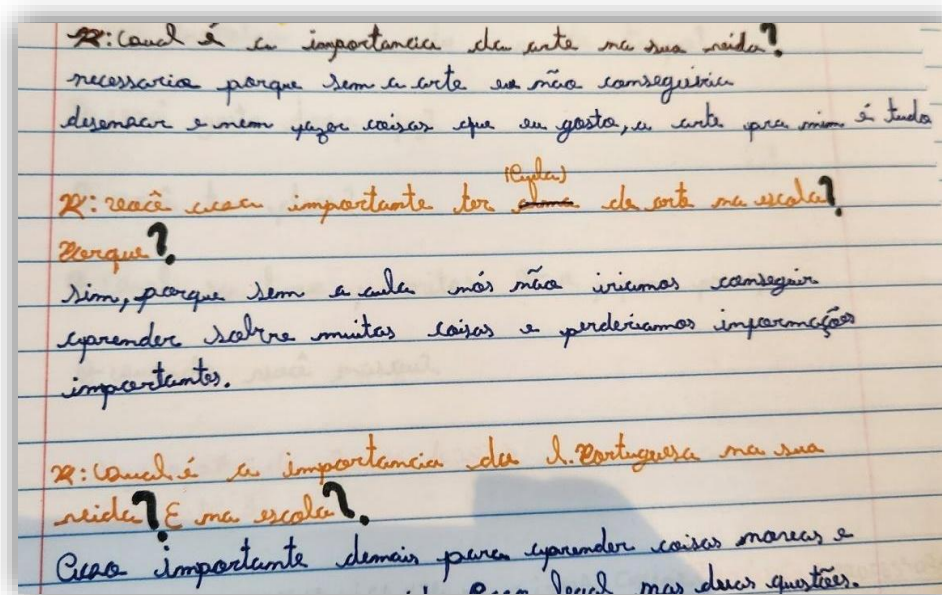
Fonte: elaborado pela autora, com base em atividade de Estudante A – 5ºB, 2023

Figura 3- Entrevista feita com estudantes do 5º ano- Suzano, junho de 2023.



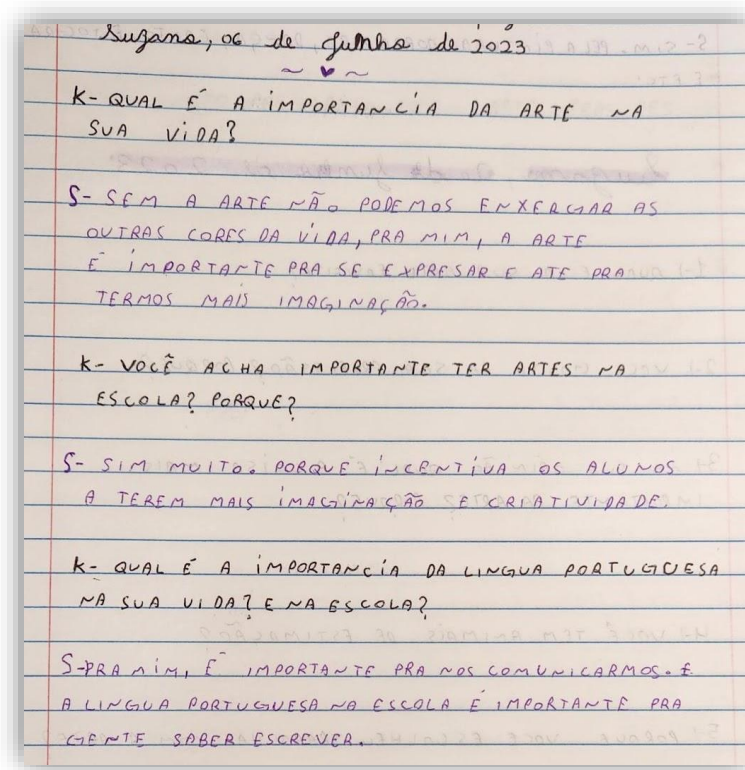
Fonte: elaborado pela autora, com base em atividade de Estudante E – 5ºB 2023.

Figura 4- Entrevista feita com estudantes do 5º ano- Suzano, junho de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, com base em atividade de Estudante E – 5ºB, 2023.

Figura 5- Entrevista feita com estudantes do 5º ano- Suzano, junho de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, com base em atividade de Estudante F – 5ºB, 2023.

Listo a seguir as respostas de três perguntas. Por ordem:

1. Qual é a importância da arte na sua vida?

5ºB

Estudante A: A arte muda muita coisa e me ensina a “ser alguém na vida”, me ensina muita coisa boa.

Estudante B: Para mim ela é muito importante, porque eu sou desenhista e já conheci muitos amigos pela arte.

Estudante C: A importância da arte na minha vida é o desenho e imagens incríveis e maravilhosas. A arte é muito importante.

Estudante D: Entretenimento e aprendizado.

Estudante E: Necessário, porque sem a arte eu não conseguiria desenhar e fazer as coisas que gosto. A arte pra mim é tudo.

Estudante F: Sem a arte não podemos enxergar as outras cores da vida, pra mim a arte é importante para se expressar e até para termos mais imaginação.

Estudante G: Desenhar e colorir. Imagens coloridas e desenhar coisas bonitas.

Estudante H: Pra mim é um jeito de desenhar a minha criatividade.

Estudante I: Porque eu posso saber sobre as pinturas antigas.

Estudante J: Alegria, felicidade e amor.

5°C

Estudante A: Porque traz alegria e harmonia.

Estudante B: Boa é tudo o que eu mais gosto de fazer, artes.

Estudante C: É amor, é uma coisa muito importante e legal, interativa. Eu amo.

Estudante D: Arte me dá conforto no coração. As obras-primas são tão lindas! Eu quero crescer forte.

Estudante E: A pintura e o jeito que pinta

Estudante F: A importância da minha arte é pintar e pintar é alegria.

Estudante G: É uma carreira.

Estudante H: A arte faz parte da nossa vida. Ela é divertida.

Estudante I: Artístico colorido.

Estudante J: A arte é muito usada nas ruas.

Estudante K: Eu não acho muito importante.

Estudante L: Eu acho que tudo na vida é arte.

Estudante M: Se divertir e ser criativo é expressar pelas artes.

Estudante N: Estudar se não fico burra.

Estudante O: Bom, porque é cultural.

2. Você acha importante ter aula de arte na escola?

5ºB

Estudante A: Sim, porque ela ensina a arte entrar na nossa vida.

Estudante B: Não sei ao certo, mas acho que sim, porque a educação pode indicar que a arte ensina a desenhar e às vezes é importante, então, sim.

Estudante C: Sim, porque eu amo a aula de artes, principalmente eu aprendo muita coisa na aula de artes.

Estudante D: Sim, porque temos que aprender sobre arte por precisarmos dela no futuro.

Estudante E: Sim, porque sem a aula nós não iríamos conseguir aprender sobre muitas coisas e perderíamos informações importantes.

Estudante F: Sim, muito, porque incentiva os alunos a terem mais imaginação e criatividade.

Estudante G: Sim, desenhar em todas as aulas, porque é importante para as crianças

Estudante H: Sim, porque se alguém quiser ser artista vai ter aula de arte e o aluno vai aprender.

Estudante I: Sim, muito importante porque podemos saber sobre as pinturas antigas

Estudante J: Sim, para aprender artes na nossa vida.

5°C

Estudante A: Porque é bom ter arte, porque é “daora” desenhar e aprender

Estudante B: Sim, pois é importante aprender o uso das artes.

Estudante C: Sim, porque toda arte deve ser vivida ao menos uma vez na vida.

Estudante D: Sim, porque a gente aprende com a professora perfeita chamada Karina.

Estudante E: Sim, porque a gente tem o sonho de ser artista.

Estudante F: Sim, porque não tem aula de arte em casa.

Estudante H: Porque quando a gente cresce, podemos querer ser artista.

Estudante I: Sim, porque precisamos conhecer artes do museu e do mundo.

Estudante J: Sim, porque a arte é vivida demais.

Estudante K: Sim, porque é para aprender.

Estudante L: Sim, porque tem que colocar no boletim e também para aprender.

Estudante M: Sim, para conhecer obras de arte e melhorar os nossos traços.

Estudante N: Sim, uma aula diferente.

Estudante O: Sim, porque precisamos aprender cultura.

3. Qual a importância da Língua Portuguesa na sua vida? E na escola?

5°B

Estudante A: Aprender palavras diferentes e aprender sobre histórias antigas.

Estudante B: Ler, escrever e muito mais além do que isso, vai dar mais inteligência, por isso é importante.

Estudante C: A importância da Língua Portuguesa na minha vida é aprender e ser inteligente.

Estudante D: Porque é muito importante termos a sabedoria da Língua Portuguesa na vida.

Estudante E: Acho importante para aprender coisas novas e importantes na nossa vida. Acho legal nas duas questões.

Estudante F: Pra mim é importante para nos comunicarmos e a Língua Portuguesa na escola é importante pra gente saber escrever.

Estudante G: Ler, aprender e saber pedir obrigado para não ficar com dúvida.

Estudante H: Aprender a ler e estudar.

Estudante I: É muito importante porque podemos aprender sobre coisas igual o mito grego. Na escola é muito importante pra mim, porque podemos aprender muitas coisas.

Estudante J: Para aprender.

5°C

Estudante A: Porque é divertido aprender a ler.

Estudante B: Para aprender novas línguas e tirar um 10.

Estudante C: Na minha vida a Língua Portuguesa é uma coisa boa para as crianças e na escola é a mesma coisa.

Estudante D: Para ensinar e para fazer a gente ficar com raiva.

Estudante E: Na minha vida é que sem a Língua Portuguesa não dá pra viver e na escola é para a gente ler.

Estudante G: É bom para a sua carreira.

Estudante H: O Português faz parte da nossa vida, nós aprendemos a falar e na escola, ficar inteligente e passar de ano.

Estudante I: Legal e importante.

Estudante J: Não gosto de Língua Portuguesa, mas ela é muito importante.

Estudante K: Aprender a ler e escrever e tem nota no boletim.

Estudante L: Na escola a Língua Portuguesa é pra aprender a ler e escrever. Na vida a importância é para tudo. Também é bom para viajar para outros países e para outras línguas.

Estudante M: Aprender a escrever melhor e ler textos na escola, descobrir coisa a partir de textos.

Estudante N: Não sei ler, na escola para ler.

Estudante O: Aprender a ler e escrever.

4. Você acha que a arte pode mudar a vida das pessoas? De que maneiras?

5ºB

Estudante A: Eu acredito, porque a arte é MARAVILHOSA.

Estudante B: Sim, mudou a minha e dos meus amigos animadores.

Estudante C: Sim, desenhando, pintando e se divertindo.

Estudante D: Sim, a arte é linda e se todas as pessoas dessem valor, a arte mudaria a vida delas.

Estudante E: Sim, acredito, acredito que a arte possa mudar a vida de muita gente fazendo a pessoa acreditar que a vida tem sentido.

Estudante F: Sim, pela pintura, dobradura, dança, canto, fotografia, etc.

Estudante G: Sim, porque eu não gostava de desenhar e agora eu gosto.

Estudante H: Sim, um emprego como artista.

Estudante I: Sim, fazendo as pessoas saberem sobre as pinturas e coisas sobre a arte.

Estudante J: Sim, porque a arte é legal, boa para as pessoas aprenderem.

5°C

Estudante A: Sim, porque traz alegria.

Estudante B: Bom, a arte traz esperança, alegria e harmonia.

Estudante C: Sim, porque tem pessoas que ficam ricas com arte.

Estudante D: Por fotografias e desenhos.

Estudante E: Sim, porque a arte é uma calma para a vida das pessoas.

Estudante G: Pode, a vida das pessoas e do pensamento.

Estudante H: Sim, porque a arte é um desenho livre e nós podemos desenhar o que quiser.

Estudante I: Sim, porque a arte é colorida, cultural e artística.

Estudante J: Ela pode ir se envolvendo até que ela melhore muito.

Estudante K: Pode mudar a vida da pessoa com um desenho, escultura e vários outros.

Estudante L: A arte pode mudar com desenho, escultura e vários outros.

Estudante M: Sim, por poesias, pinturas e desenhos.

Estudante N: Sim, porque ajuda a acalmar e ficar feliz.

Estudante O: Sim, continuando uma carreira artística.

Ao recolher as respostas aqui nesta escrita, fui recordando cada um, tenho para mim a dimensão do quanto eram ativos ou não nas aulas, na escola e um pouco do contexto de suas vidas, então as respostas me trazem pistas de como essa aula de Arte chegava para eles e como as práticas eram vistas por eles. Digo pistas, pois em uma avaliação posterior à atividade, noto uma generalização nas respostas, pois as perguntas em si estimulam respostas prontas. Gostaria que tivessem a autonomia para extrapolar a isso e gostaria também de ter feito, na ocasião, perguntas mais abertas a respostas variadas que valorizassem a experiência. Contudo esse era o início do projeto e interessava também notar se ao final haveria diferença entre esse comportamento pré-fabricado à um reconhecimento pessoal em relação a arte.

Destaco que anexe aqui respostas dos dois quintos anos, porém o planejamento interdisciplinar ocorreu apenas com o 5ºB. A professora do 5ºC viria a exonerar o cargo e, infelizmente, a turma acabou ficando com professores substitutos até o final do ano de 2023, portanto não foi possível validar uma parceria interdisciplinar com eles. Em comparativo, podemos notar certa diferença na apropriação do assunto e no uso de argumentos, inclusive e por vezes, na abstração e reflexões poéticas. Em um apanhado geral, alguns apontam a necessidade do professor de Arte e valorizam o fato de a aula proporcionar a ampliação de repertório, bem como ter acesso a conhecimentos amplos e específicos, próprios da arte. Consideram, em maior ou menor grau, que a arte faz parte do desenvolvimento humano, formativo e de amadurecimento. Há também uma ideia de preparação para quem queira seguir artista, uma base técnica como todas as outras, pensando a arte para o campo artístico e não da vida ou educação como um todo. Para a Língua Portuguesa, as respostas relacionam o aprendizado da língua à inteligência e necessidade de comunicação, principalmente através da escrita, na grande maioria dos casos, diferem a língua à arte, como se arte não fosse um campo da comunicação e fica nesse ponto a reflexão de trabalhar mais o conceito de arte como linguagem.

Todas as entrevistas e respostas sobre Língua Portuguesa, foram compartilhadas com a professora pedagoga da turma e ela também pode ter o seu parâmetro de estudo e ensino.

Professora Judith, pedagoga responsável pelo 5º ano B, sobre a abordagem dos temas a partir da arte: *Mas o que eu posso falar para você é que era um assunto meio tedioso, não é? Textos, reportagens, notícias e relatos eram bem tediosos e com a introdução da arte deu um ânimo ali para a gente. Tanto para eles quanto para mim também. Para mim também não é lá muito fácil não. A eles deu um ânimo, facilitou um pouco aprendizado e foi proveitoso. (extraído de áudio via whatsapp).*

Das entrevistas tirei informações sobre como veem a arte no cotidiano, como as aulas de arte reverberam em suas vidas e que tipo de aula ou atividade os marcaram. As reflexões me acompanharam em todo o percurso por desejar investigar se ao final do projeto as respostas mudariam. Sobre o aprendizado quanto aos gêneros textuais entrevista e reportagem, notou-se apropriação do conteúdo e autonomia nas produções, visto que o assunto foi interessante para os alunos e para nós professoras, sendo de prazerosa prática e avaliação. A avaliação foi contínua por meio da observação individual no processo de aprendizado dos gêneros textuais. Observou-se a capacidade de articulação entre o conhecimento prévio e conhecimento adquirido não só nas produções textuais, mas também através da oralidade durante as conversas, momentos de explicação e leitura contextualizada dos materiais colhidos em entrevistas e para reportagem nas aulas de Arte e Língua Portuguesa. Por se tratar de relacionar arte e artistas com entrevista e reportagem, entrou-se muito no contexto da televisão e internet, que são referenciais atuais e acessíveis aos estudantes. Compreender e vislumbrar a produção tendo exemplos e referências pessoais de algo presente no cotidiano foi um caminho mais simples e ao mesmo tempo oportuno para entrarmos em reflexões acerca de como as informações são veiculadas por esses meios, os fazendo olhar com certa criticidade para os mesmos. Para os estudantes, pensar em me ver como artista e como pessoa conhecida, os aproximou do papel de entrevistadores ou repórteres de forma lúdica e a apropriação do conceito técnico da escrita se tornou divertida. Era como se fossem personagens, como se brincássemos

de faz de conta: faz de conta que eu sou repórter, faz de conta que vou te entrevistar. Foi leve e isso me ensinou muito. Ser artista quando me assumo profissional da arte ao ser entrevistada, ou estar artista quando enceno/finjo ser entrevistadora enquanto professora, por exemplo, são lugares pelos quais trânsito o tempo todo sem pensar onde começa um e termina o outro, mas ao mesmo tempo são muito claros os meus papéis em cada âmbito por assim dizer. Na verdade, é natural para mim transitar e, talvez por isso, a interdisciplinaridade seja tão pertinente para a minha prática, pois fala muito de quem eu sou e meu trabalho não está alheio a isso. Essa prática me fez pensar sobre o quanto a minha história e as minhas experiências estão presentes em minha sala de aula. O lembrete sobre pedagogicamente não deixar o lúdico de lado no planejamento, é bem-vindo também. Aqui, aconteceu naturalmente, mas com todo um contexto envolvido, o de eu conhecê-los desde a Educação Infantil, o de estarmos há semanas trabalhando o mesmo tema, o de termos trabalhado em outras ocasiões a linguagem teatral. Contudo, essa ludicidade que apareceu aqui de forma orgânica e foi proveitosa, nem sempre aparece, na verdade é bem difícil, principalmente no quinto ano. Portanto, mais um ponto de aprendizado para mim, o quanto esse bom humor e leveza nas relações construídas com eles trouxe bons frutos. Por vezes pensamos em inúmeros conteúdos sem reservar esse espaço para a construção afetiva de vínculos possíveis no ambiente escolar como parte do planejamento.

E por falar em vínculos, houve ainda uma outra etapa no exercício de entrevistar, que foi a oportunidade de entrevistar funcionários da escola. Há boas relações também estabelecidas entre a minha pessoa e os funcionários, principalmente da limpeza e inspetoras. Explico: eu professora de Arte, já montei inúmeras exposições tridimensionais e painéis expositivos pela escola, sempre fiz questão de interagir com essas pessoas que trabalham cotidianamente nesse espaço de sala de aula e corredor. Ao trabalhar com materiais que causam um pouco mais de sujeira, sempre recorremos à limpeza para solicitar vassoura, pano etc. para colaborar com a organização e limpeza de nosso espaço coletivo. Isso é positivo para a escola enquanto instituição, para os estudantes enquanto protagonistas de suas práticas, inclusive organização e reorganização dos espaços e para todos que vivenciam os ambientes, seja a próxima turma a ocupar a sala ou o funcionário que

realizar a limpeza. Dessa forma, essas pessoas acabam sabendo o que está se passando na aula e ao verem os resultados, acabam comentando. As inspetoras, já se propuseram a fazer fundo e colaborar na montagem de painéis e por vezes foi possível essa integração. Assim como a solicitação de autorização para uso de materiais e espaços também passa por elas. A abertura para participação sempre existiu de minha parte, então costuma acontecer de até sugerirem, por exemplo, como fixar um tecido, ou, recordar que há algo que pode ser útil para o que quero montar. Quando cai uma peça da exposição, costumam repor ou guardar para me inteirar e reposicionar o objeto. De forma autônoma fazem a manutenção dos trabalhos das crianças e do meu também. Divido com essas pessoas o que trabalho em sala, seja em uma conversa informal ou por necessidades práticas conforme mencionei e isso as torna de alguma forma integrantes de meus processos. Quando viram a movimentação de minha pesquisa acontecer na escola, se mostraram curiosas, comentaram a minha entrevista que as crianças expuseram em cartazes e sempre estavam a perguntar a respeito. Então, pensando também no exercício das crianças em entrevistar mais pessoas e a intenção de pensar arte no cotidiano, nos propusemos a expandir as perguntas para fora da sala de aula. Aliás, eu propus e as crianças concordaram de imediato.

A partir do que havíamos conversado em sala a respeito das perguntas e respostas sobre arte e aula de Arte, as crianças elaboraram algumas questões e concordamos em escolher três. Se organizaram em dupla ou trio e saíram pela escola a coletar respostas com as funcionárias e funcionários. Praticamente todos do período foram entrevistados, as merendeiras, equipe de limpeza, inspetoras, secretária, professoras e diretora.

As perguntas elencadas foram: 1. Como eram as aulas de Arte na sua época? 2. Você produz algum tipo de Arte? 3. Em uma escala de 0 a 10, qual a importância da arte na sua vida?

As respostas, de um modo geral, giravam em torno de momentos marcantes da escola, uma aula diferenciada que aconteceu em local diverso que não sala de aula ou a descrição das aulas de Arte com desenho geométrico. A ligação artística

apareceu bastante através de artesanato e trabalhos manuais e quanto à escala de zero a dez, média de importância de oito a dez. O mais curioso não foram as respostas em si, mas foi como isso repercutiu nas pessoas entrevistadas, que se sentiram muito importantes. Destaco uma Agente de Atividades Escolares (inspetora) que veio até a sala, enquanto eu os esperava e observava da porta, contar o que respondeu e falar um pouco mais sobre suas respostas, coisas que recordou depois ou que não inseriu nas respostas, na euforia de falar de si e de como também tem relação com a arte. De certa forma, se sentiu próximo da arte, quando pensava estar distante e aí seu prestígio. Outra pessoa a me procurar foi a diretora, que me abordou no café para comentar também suas respostas e comentar um pouco mais de coisas que não conseguiu responder na hora, mas que foi lembrando, ou seja, desbloqueou uma memória para uma possível habilidade ou mesmo um momento de contato artístico em que ela protagonizou, como projetos com histórias que desenvolveu quando atuava na Educação Infantil como professora. Sobre as entrevistadas, me marcou refletir a respeito da relação com a arte ser percebida, nomeada, validada e uma vez mais me deparar com um dos aspectos importantes dessa relação que é de como a arte é capaz de fazer protagonistas as pessoas envolvidas de forma criativa seja relatando um trabalho escolar, seja dizendo eu faço pintura em tecido, eu faço crochê, eu toco violão, mesmo não sendo em posto de artista, o espaço para criar e produzir é muito potente para a autoestima e autoconfiança. Sentiram-se importantes em ser entrevistadas e isso as provocou a dar notoriedade às suas histórias.

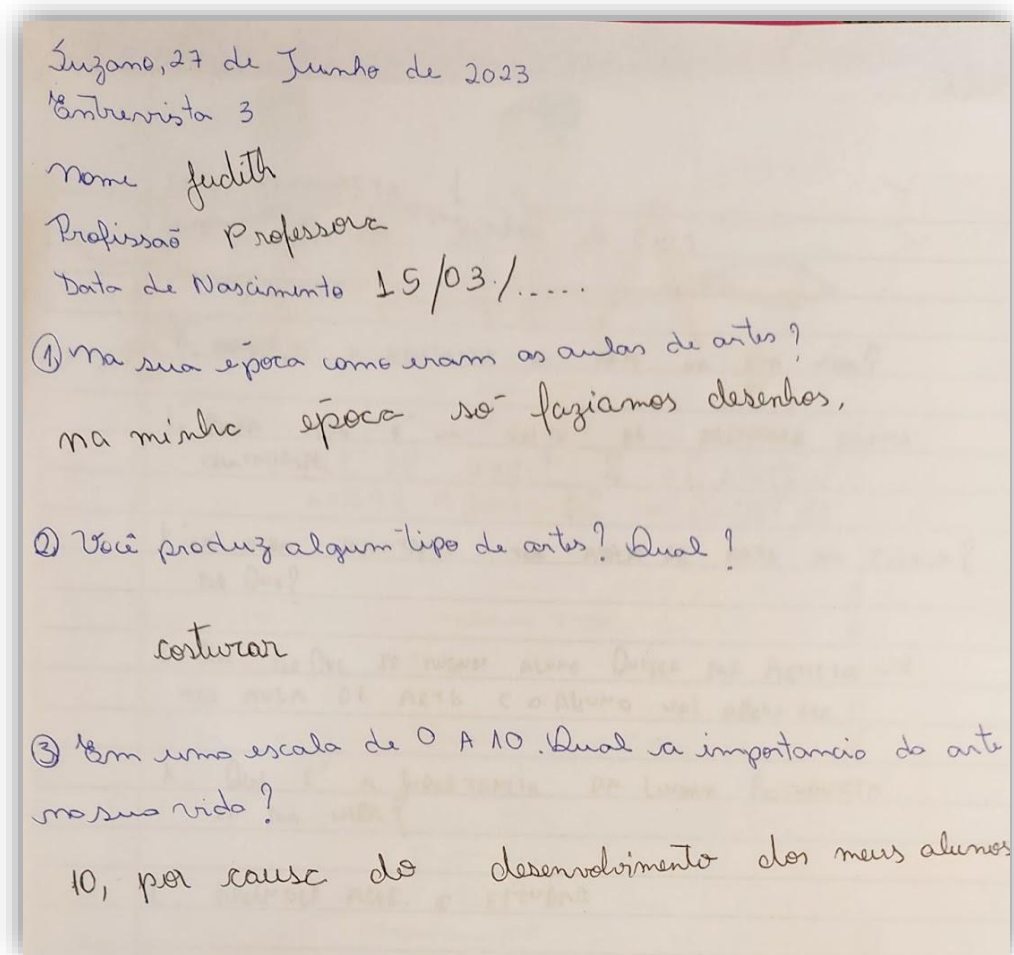
Figura 6- Crianças entrevistando funcionárias da E.M. Profª. Sonia Regina Alonso Ostermayer-2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Legenda: Funcionárias sendo entrevistadas.

Figura 7- Entrevista feita com a professora Judith, responsável pelo 5º ano B. O aluno que a escolheu entrevistar é uma pessoa autista e no momento da atividade não escrevia com autonomia, o registro foi feito por sua auxiliar. Junho de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

3.2 PINA_

Inserimos no planejamento também um passeio à Pinacoteca de São Paulo, a fim de que os estudantes tivessem contato direto com as artes plásticas e no retorno à sala de aula realizassem produções textuais a respeito. Durante o passeio também realizaríamos atividade relacionando textos escritos a textos imagéticos, escritas com obras, para uma investigação feita pelas crianças no próprio museu. Mas antes de

contar como foi o passeio, é preciso introduzir aqui o percurso até chegar o dia da visita, pois este, fez toda a diferença no acompanhamento das crianças.

A escolha da Pinacoteca e não de outro museu, tem relação com duas coisas: primeiro pelo acervo que possui, tendo algumas obras modernistas conhecidas dos estudantes. O contato com essas obras que começou através de reprodução e que se fez presente por repetidas vezes na trajetória das crianças, ganha qualidade de verificação estética no contato com os originais e colabora para a maturidade dessa leitura, adicionando ao contexto a vivência, a presença. Em segundo lugar, é um dos espaços expositivos mais acessíveis, próximo a estação de metrô e trem, linha que vem de Suzano, região dos estudantes. A intenção é também incentivar esse tipo de programa para essas crianças que em breve entram na adolescência e tão logo começam a sair sozinhas e escolher aonde ir.

Um dos intuitos contidos no projeto, é aproximar a arte do cotidiano, logo devem se perguntar: e por que ela não busca falar de artistas locais? Abro parênteses para contextualizar brevemente essa escolha. Acompanhei os alunos em questão, alguns desde a Educação Infantil e outros desde o primeiro ano, ao longo de nossa trajetória, entre teatro, dança, música, artes plásticas e artes visuais em geral, investigamos formas de arte, contextualizamos materiais e possibilidades para a criação artística, conhecemos artistas e suas obras, inclusive artistas locais, artistas da família. No período de pandemia, junto aos demais professores, realizei atividades que envolvessem a família e os dotes artísticos de suas e seus integrantes, realizamos atividades de entrevista com familiares a fim de investigar e valorizar as produções locais. Eram menores, mas existe a lembrança de atividades realizadas naquele período, exatamente por serem marcadas pela participação da família e extrapolarem o espaço escolar físico. A escola no início do ano em que a pandemia ocorreu havia inserido no Projeto Político Pedagógico (PPP), um projeto de documentar moradores antigos do bairro, seus feitos artísticos e comunitários. Digo isso para expressar que está presente não só em minhas práticas, mas em nosso percurso enquanto escola, a valorização de artistas próximos, contudo, repenso sobre repertório e mais, sobre a ideia de que a arte do museu está para poucos e neste ponto é que a Pinacoteca foi

escolhida, para desmistificar essa hipótese. Sabemos que existem inúmeras formas de arte e, ver obras com linha, bordado e materiais cotidianos em um espaço expositivo, oportuniza o retorno ao que se conhece e o engrandece ainda mais. Cada uma e cada um pôde criar relações com o conhecimento já adquirido e sua própria história.

O passeio para a Pinacoteca começou antes do passeio em si. No início do ano, as datas mensais do Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), bem como os temas, foram votadas e definidas pela equipe em reunião de planejamento. A equipe, tendo a notícia do mestrado reverberado, sugeriu que eu ministrasse uma formação em um deles, este ficou agendado para dezesseis de setembro de 2023. Eu gostaria de falar sobre interdisciplinaridade, mas as professoras pediram que eu falasse sobre arte indígena e africana. Eu não sou especialista no assunto, sou uma pesquisadora rasa apenas, mas por eu sempre fazer questão de trabalhar e expor sobre, ficou registrado para elas que eu entendia um pouco mais do que a maioria. Desafio aceito. Visitei a Pinacoteca com dois propósitos, primeiro para preparar propostas de atividades para a visita com os estudantes e, para essa, vi as obras que estavam expostas e as respectivas salas, elenquei algumas para compor a proposta, que trataria de investigação de obras a partir de descrição escrita e em segundo lugar, para preparar a formação do HTPC. Eu cursei a disciplina obrigatória *História do ensino de arte no Brasil: do modernismo à contemporaneidade*, por lentes decoloniais, ministrada pela Prof.^a Dra. Rejane Galvão Coutinho⁹, onde entendi sobre o termo que havia visto e ouvido algumas vezes, mas conceitualmente não compreendia com clareza o que é a decolonialidade, o decolonial e o descolonial.

Destruir a história do colonizado sempre foi o caminho mais fácil de dominação colonizadora. Insidiosamente este processo pode penetrar no inconsciente dos intelectuais dos países dominantes embora teoricamente sejam descoloniais. O colonialismo é insidioso. Desqualificar o colonizado e desacreditá-lo como criador de sua própria cultura é um

⁹ Rejane Galvão Coutinho. Professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Atua na Licenciatura em Artes Visuais e na Pós-Graduação em Artes, área de Arte e Educação e no Mestrado Profissional em Artes, Prof-Artes. Tem desenvolvido pesquisas com foco na história do ensino de artes e na formação de arte/educadores e mediadores culturais

vício cultural que perpetua a colonização. É necessário vigilância permanente do comportamento intercultural democrático para vencer esse vício inconsciente. (Barbosa, 2022, p.15)

Durante as aulas fui desenvolvendo a proposta de formação na escola, muito por ser um assunto essencial que ainda paira no ambiente acadêmico apenas. Não é uma discussão que chega no chão da escola e eu enquanto pesquisadora e professora, precisava compartilhar com os meus pares. Na visita prévia à Pinacoteca, comprei alguns catálogos: o da Pinacoteca *Acervo*, o da Adriana Varejão: *Suturas, fissuras, ruínas* e Rosana Paulino: *a costura da memória*, a fim de amarrar a proposta de formação à objetos artísticos. No HTPC falamos sobre uma educação decolonial a partir da arte e propus a observação de dois pares de obras¹⁰ contidas nos catálogos, de artistas, estilos ou épocas diferentes, mas que se relacionam pela temática, assim sugerindo a ideia de curadoria nas aulas, no planejamento e escolha do que usar como meio de compreensão ou diálogo com o conteúdo. Não damos conta de saber tudo, de conhecer todas as etnias indígenas ou toda arte africana, mas podemos saber que são diversas e escolher um foco quando quiser, sem generalizar e sem ser genérico. Algumas sugestões de atividades, dicas de sites e perfis do Instagram para seguir foram compartilhadas. Ao final pensamos a aula como curadores. O que elenco para a minha aula? Qual narrativa eu quero abordar? Sob qual o ponto de vista eu apresento o assunto? As professoras e professores ficaram maravilhados, ao contrário do que imaginei, elas e eles queriam apreciar os catálogos, até atrasamos um pouco no cronograma, porque queriam ver tudo e não apenas folhear. Bom, digo que começou aí porque a gestão e a professora do 5º ano estavam presentes. A professora levou para a sala de aula um conhecimento e uma proximidade com o que poderíamos ver na Pina, ela se sentia mais próxima e confortável para falar de arte. A gestão se animara ainda mais. No passeio quando nos deparamos com as obras de Rubem

¹⁰ Saudade, 1899 de Almeida Junior e Dance with me, 2018-2019 de Élle de Bernadini; Proposta para uma catequese- prato, 2014 de Adriana Varejão e Atlântico vermelho, 2017 de Rosana Paulino.

Valentim, que eu havia usado na formação e apresentado três propostas de atividades, elas se encantaram feito as crianças, olharam as obras e olharam para mim dizendo: olha, aquelas! Foi muito especial, a descoberta, o frescor de experiência nova e leve, feito brincadeira.

O passeio para a Pinacoteca rendeu em Língua Portuguesa grandes reflexões, a professora do 5º ano relatou que conversaram bastante, produziram textos a respeito e demonstraram o passeio como um estudo, uma formação de vida. O que aprenderam serve para a vida. Isso foi muito marcante. Lá durante a visita, uma das alunas que indagava sobre uma série de fotografias e pinturas a respeito da violação do corpo feminino juvenil, após comentários da professora e meus, ela disse: se todo mundo viesse ao museu saberíamos/entenderíamos mais da vida.

Na visita, primeiro deixamos os estudantes explorarem sozinhos alguns ambientes. Os reuni e com imagens e observação, contextualizei o local, o que havia sido antes de ser museu e como era o prédio, assim, reparamos juntos na estrutura arquitetônica. Feito essa chegada, expliquei que havia levado uma proposta de investigação para eles, um jogo de encontrar obras de arte. As crianças e as adultas responsáveis presentes se animaram com a brincadeira. Dividimos a turma em grupos de quatro ou cinco pessoas e distribuimos os cartões elaborados por mim que continham a descrição de uma obra, os alunos deveriam, a partir do texto, descobrir qual era o objeto artístico e preencher o cartão com o título, ano e autor. Entreguei lápis 6B para o preenchimento das fichas (eles adoram o lápis 6B) e mostrei onde encontrariam as informações das obras. Já era sabido das crianças que em exposições há uma “plaquinha” com informações de autoria, material, dimensões, etc., mas presencialmente foi uma constatação física, visual e pessoal esse contato. Como esperado, algumas obras já tinham mudado de lugar e outras já não estavam expostas, mas os estudantes conseguiram encontrar correspondência em outra presente, o que também foi aprendizado para mim, que criei o texto direcionado a uma obra e esse texto coube perfeitamente em outras. Partimos para as salas previamente visitadas e a investigação começou. Dentro do que eu havia planejado e estava intrinsecamente contido no passeio, era a oportunidade de as estudantes e os estudantes se depararem

com obras vistas em sala de aula, inclusive em anos anteriores e foi mágico, a maioria reconheceu Tarsila do Amaral, Portinari e Lasar Segall, emocionados. Em A Imagem no Ensino da Arte¹¹, Ana Mae Barbosa comenta algumas abordagens e no Método de Multipropósito de Robert Saunders, cita que entender uma obra de arte necessita de vários encontros ao longo do tempo, em que o amadurecimento de quem observa possibilita a leitura da obra por novos pontos de vista. Esse exercício perceptivo acontece, em muitos casos, através de reproduções das obras, mas recebe validação no contato com as originais. Essa passagem me alegra, reforça o que mencionei da intenção de levá-los ao museu. Nada substitui a experiência presencial em um espaço expositivo.

A professora, diretora, coordenadora e Secretária presentes na visita, auxiliaram e investigaram com os alunos, foi um momento gostoso e muito bonito.

Imagens do documento: cartões.

Figura 8- Cartões elaborados para a visita à Pinacoteca.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

¹¹ Ver: BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.54.

Figura 9- Cartões elaborados para a visita à Pinacoteca.

Sou uma pintura grande e tão grande é a minha tristeza, já choro há tempos. Desanimada sento no chão, será que dias melhores virão? Parece curioso, mas esse momento retratado, me torna uma obra belíssima. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____	Sou grande, tenho destaque em uma parede. Sou bastante expressivo, mas minha imagem não é muito fácil de explicar. Tente me entender com sentimentos ou sensações que tenha ao me observar. Minhas cores são neutras como o branco, preto e cinza. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____
--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 10- Cartões elaborados para a visita à Pinacoteca.

Aproveitamos as tardes de descanso juntos. As vezes ele toca e eu canto, outras vezes ele mesmo toca e ainda canta. Nosso lugar preferido é a janela. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____	Sou um autorretrato e o meu autor era negro. Fico na sala das pinturas modernistas. Me procure com calma, pois essa sala recebe bastante visitas. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____
Encaro a mim mesmo. Uma cópia de mim, mas não inteira com coração e pensamentos. Apenas o reflexo de como sou por fora. A imagem refletida é pura ciência, mas os meus sentimentos nesse olhar, só a arte para explicar. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____	O que é que foi? Está me encarando por que? Está vendo aquelas terras lá atrás? Tenho trabalhado muito nelas, mas não são minhas. Tenho olhos indígenas e pele africana. QUAL OBRA EU SOU? NOME: _____ AUTOR(A): _____ DATA: _____

Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 11- Cartões elaborados para a visita à Pinacoteca/ Estudantes investigando preenchendo cartão.



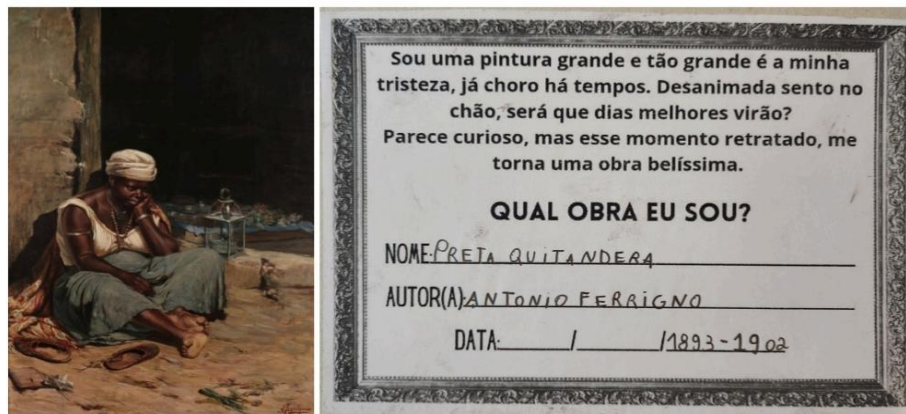
Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 12- Exemplo de cartão e obra de referência: *Bananal*, 1927, Lasar Segal.



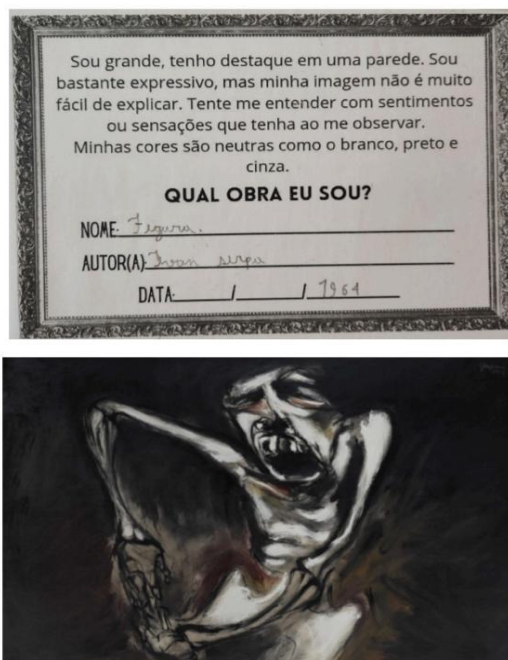
Fonte: montagem elaborada pela autora com base em cartão de aluno e em Segall, 1927

Figura 13- Exemplo de obra de referência com cartão: *Preta quitandeira*, 1900, Antonio Ferrigno.



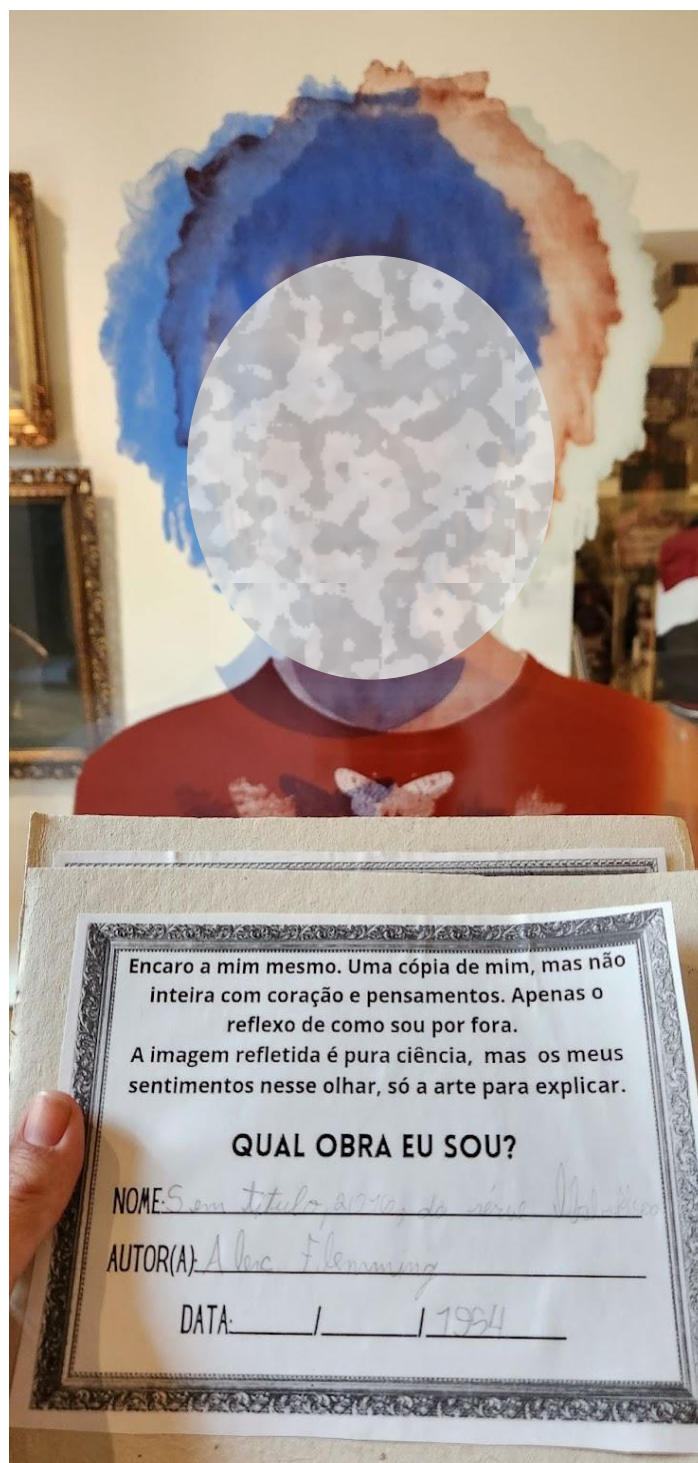
Fonte: montagem elaborada pela autora com base em cartão de aluno e em Ferrigno, 1900

Figura 14- Exemplo de cartão e obra de referência: *Figura*, 1964, Ivan Serpa.



Fonte: montagem elaborada pela autora com base em cartão de aluno e em Serpa, 1964

Figura 15- Cartão e obra de referência: *Sem Título*, 2016; Século XXI; 2016, Alex Flemming.



Fonte: montagem elaborada pela autora com base em cartão de aluno e em Flemming, 2016.

Figura 16- Estudantes extasiadas frente à *Antropofagia*, 1929, Tarsila do Amaral.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Depois de concluirmos o jogo, visitamos a exposição temporária de Marta Minujín¹² (1943) que foi explorada e vivenciada espontaneamente por eles. Havia uma vontade grande de explorar mais o museu e então não fizemos um fechamento

¹² <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/marta-minujin-ao-vivo/> . Acesso em: 11, nov. 2014.

propriamente dito da atividade, como uma roda de conversa, por exemplo, a respeito da investigação. Os comentários aconteceram no decorrer, sem muita cerimônia. Pausa para o lanche. Caminhamos pelo Parque da Luz e chegamos em frente à Pina_Contemporânea, onde lanchamos na arquibancada, momento de partilha de comidas, bebidas e passeio, comentários do passeio. Visitamos ainda as exposições de Antonio Obá¹³ e Cao Fei¹⁴, livremente também, foram monitorados em sua espontaneidade na visita. Exaustos, organizamos a volta para a escola, tiramos fotos e seguimos para o ônibus. Registros:

Figura 17- Durante visita à exposição Ao Vivo de Marta Minujín, setembro de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

¹³ <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/cao-fei/> . Acesso em 11, nov. 2024

¹⁴ <https://pinacoteca.org.br/programacao/status/exposicoes/passadas-exposicoes/?ano=2023> . Acesso em 11, nov. 2024.

Figura 18- Visita à exposição O futuro não é um sonho, Cao Fei, setembro de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 19- Visita à exposição Revoada de Antonio Obá, setembro de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 20- Parada espontânea e inevitável na obra de Tunga: *Triade Trindade*, 2001. Setembro de 2023.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 21- Registro do passeio à Pinacoteca do Estado de São Paulo, setembro de 2023. Escola Municipal Sonia Regina Alonso Ostermayer. Alunos do 5º ano A, B e C e equipe de apoio.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Legenda: Registro do passeio à Pinacoteca do estado de São Paulo, setembro de 2023, Escola Municipal Profª Sonia Regina Alonso Ostermayer. ¹⁵Alunos do 5º ano A, B e C. Canto esquerdo, de blusa rosa, a Diretora Juliana, em seguida, eu, professora Karina. Canto inferior direito, professora Judith, de blusa vermelha, Auxiliar Educacional, Maria e de blusa clara, Coordenadora, professora Léia. Fonte: elaborado pela autora, 2023

Na volta, comentaram pouco, dava para notar o cansaço e as coisas vividas reverberando em cada uma e cada um, mas sem descrição. O propósito de conduzi-los a investigar as obras e notar correspondência entre texto e imagem, notar as qualidades estéticas, a ambientação, fazia parte do planejamento interdisciplinar da aula de Arte, assim como deixá-los vivenciar o museu para depois produzirem relato para a aula de Português. Os relatos não foram anunciados como tarefa a ser feita ao voltar para a classe, primeiro passearam, viveram, depois em aula de Língua Portuguesa a professora, em roda de conversa, retomou o passeio, colheu relatos oralmente e por fim produziram textos sobre e essa produção.

¹⁵ Trabalho no período da tarde e tinha como turmas atribuídas o quinto ano B e C, porém, a gestão da Unidade, vendo lugares remanescentes, estendeu convite à alguns alunos do outro período. Eu conhecia a todos, mesmo não os acompanhando no ano corrente, havia sido titular em anos anteriores, outras séries.

Aconteceu como forma de expressão e não cumprimento de tarefa. Acredito que conseguimos unir as disciplinas em degradê de uma para a outra e, oportunizar experiência e autonomia na aprendizagem individual. O passeio tinha como frente a Arte, mas na prática foi organizado por todas as responsáveis e foi possível durar mais tempo pelo esforço da gestão em conseguir ônibus partindo da escola até a Pinacoteca. A opção inicial, seria conseguir ônibus da prefeitura até a estação de trem e seguimos de trem e metrô até o museu, e a sequência invertida até a escola, sendo assim, gastaríamos mais tempo e energia no trajeto. O saldo do passeio foi gigante pela experiência.

3.3 TARDE DE HISTÓRIAS

Dentre as propostas do projeto, havia intenção de que as crianças tivessem contato direto com artistas, em princípio para entrevistarem e produzirem reportagens, contudo pela agenda e logística, adequamos esse contato para um outro momento em uma proposta lúdica, chamado carinhosamente por eles de Tarde de Histórias. Dessa prática participaram todas as turmas. A comoção foi geral ao correr sobre a vinda de uma atriz contadora de histórias. Além disso, foi uma experiência proveitosa para toda a escola, um momento diferenciado e possível para todos.

Convidei para contar histórias, uma amiga que conheci fazendo uma disciplina na USP como aluna especial, Yohana Ciotti¹⁶, ela, além de ter um livro publicado *A Menina que foi rio*, conta histórias. Abro um parêntese sobre o fato de convidar Yohana para contar histórias. A iniciativa foi não só por ela ser artista e contemplar o que havíamos planejado, mas também por ela trabalhar com a arte da palavra, cuja percepção sobre esse domínio me envolveu muito no decorrer da disciplina ministrada pela Prof.^a Dra. Regina Machado¹⁷, mesmo já tendo trabalhado

¹⁶ Yohana Ciotti: narradora de histórias, roteirista, dramaturga e pesquisadora. Mestranda em Arte pela USP. <https://www.yohanaciotti.com/> Acesso em: 11, nov.2024

¹⁷ Regina Machado. Professora Livre Docente do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP. Contadora de histórias para crianças e adultos desde 1980. Autora de diversos livros. criadora e

com teatro e contado histórias por aí, uma luzinha acendeu em outro lugar dentro de mim a esse respeito, as metáforas foram a grande sacada, inclusive para mim, em minha justificativa de como a arte provoca a todos e a cada um de uma forma diferente, por conta das metáforas que dizem tanto, mas que fazem sentido individual, as compreendemos internamente, as vezes não é fácil nem mesmo explicar, mas integralmente nos marcam por sentidos internos, relacionados ao nosso repertório. Assim, a disciplina, as metáforas das histórias, o conceito de qualidade estética das palavras, dos textos, unidos às minhas inquietudes, foi um *start* para mim e para o propósito com a vinda da minha amiga à escola. Eu queria oportunizar a aproximação de uma artista e de sua arte, elas, as crianças por outro lado, sabendo que eu estava estudando fora, trazendo novas coisas e inclusive uma nova amiga, estavam muito receptivas com a vinda e a proposta. Não as conquistamos no momento da apresentação de Yohana, preparamos essa vinda e esse encontro. As crianças se prepararam internamente e, devo dizer, a equipe pedagógica também e isso fez toda a diferença. Retomando, a intenção era não só aproximar os estudantes da arte, mas de artistas. Levei então o livro de Yohana para a escola e trabalhei com ele, anunciando que era de uma amiga, o que já causou um certo alvoroço “A sua amiga escreveu um livro?”. Logo marcamos de ela ir até a escola contar histórias em uma tarde. Previamente anunciada para a equipe, as professoras todas começaram a passar vídeos dela, pois há registros em programas como o *Quintal da Cultura*, por exemplo. As crianças ficaram encantadas, todas fãs, assim como as professoras a esperavam ansiosas. Na data, todos animadíssimos. Me recordo de me emocionar contando uma das histórias dela, rapidamente em uma passada na sala dos professores para buscar água. Duas professoras estavam de intervalo e perguntaram sobre, comentaram como estavam preparando as turmas e eu comentei de uma história, elas reticentes e curiosas, eu contei, é uma história bem curtinha, terminamos as três chorando, momentos cheios de sensibilidade. Nesse percurso também, de forma espontânea,

houve o tom interdisciplinar, por estarem elas se inteirando do que viria a ser a contação de histórias e eu, nessa troca, percorria o movimento do plano de aula delas e me inteirava do que os alunos já tinham ouvido falar e parti daí nos posteriores encontros com eles. A vinda de Yohana foi mais do que as histórias, a visita, foi também o que despertou entre as pessoas, foi como movimentou a escola nos dias anteriores e posteriores ao encontro. As histórias que ela contou reverberaram ainda. Conseguimos fazer, sem muitos registros, infelizmente, um levantamento, uma pesquisa de quais histórias, personagens ou momentos marcaram, se mudariam alguma etc. Vez ou outra um aluno vinha comentar relacionando com algum dado, como, “Igual na história né pro?”. Para a equipe pedagógica foi acolhedor, elas, as professoras, ouviram as histórias esquecendo-se por instantes que estavam em exercício, se entregaram ao momento como pessoas com suas histórias, memórias, afetos. Uma das professoras disse: por um momento eu esqueci que estava na escola. A gestão, diretora e coordenadora, acompanharam o tempo todo, ajudando a organizar os espaços e a cuidar das crianças, estiveram presentes com sorriso marcado no rosto do início ao fim e receberam a narradora com um café da tarde como agradecimento.

Figura 22- Registro da Tarde de Histórias. Yohana Ciotti em ação.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 23- Yohhana Ciotti em *Tarde de Histórias*



Fonte: elaborado pela autora, 2023

3.4 HISTÓRIAS, METÁFORAS E FRASES POÉTICAS.

De uma das aulas com Regina Machado, tirei para mim uma história e levei para a sala de aula, a contei e trabalhei em todas as turmas do segundo ao quinto ano, cada série um trabalho diferente. Para o quinto ano, que era o meu foco de pesquisa, nos apegamos nas metáforas, no que podia significar cada coisa, mas como elemento simbólico dotado de características próprias, não pensando em uma moral da história ou o que se entendeu por ela, mas isolando cada personagem e cada momento. Depois retomamos as primeiras atividades sobre a arte e o que ela pode transformar ou mesmo, de que forma está presente em nosso dia a dia e como podemos interferir no dia a dia de alguém através da arte. Criamos frases sobre a amizade, frases com metáforas e frases reflexivas e produzimos figuras para colar pela escola. Já era fim de ano e não conseguimos desfrutar muito, mas a importância de interagir no espaço coletivo, entendendo-se parte dele foi muito bacana e ter a participação de quem lia

também foi muito legal, ver como se interessavam no que estava sendo feito, em algo que mudou um detalhe da paisagem cotidiana e do caminho com a intervenção. “Acho” que ficou para as crianças a possibilidade de novas propostas artísticas, possibilidades cotidianas de artificar a vida. Possibilidades simples que fazem diferença, isso dá uma certa liberdade para a criação que não fica dependente de materiais e grandes estruturas, permissões ou espaços adequados, ao contrário, considera a condição como espaço para a criação. Dessa atividade, infelizmente, não tem fotos, mas como redigi para impressão as frases, destaco duas simples e sinceras: Abrace alguém; Se você tem uma amizade, valorize, pois ela te faz sorrir.

Essa foi a última atividade do ano de 2023 como composição da pesquisa. Não retomamos as entrevistas e as perguntas propriamente ditas, feitas nas primeiras atividades realizadas nesse trajeto para um comparativo, mas creio que felizmente foram reformuladas aqui em conversa descompromissada. Há nesse final uma certa intimidade que difere da relação inicial, portanto, creio que as respostas mudaram sim, pois nas entrelinhas há um sentido pessoal e não institucional para a relação com a arte.

3.5 PARALELAMENTE A TUDO ISSO

Retomo agora o que mencionei no início como um fenômeno, por se tratar de uma organização nascida da espontaneidade das professoras do período em participar de alguma forma da minha pesquisa e das propostas que ela poderia apresentar. Com essas professoras, então dos 2º, 3º e 4º anos, propus partirmos de um tema gerador, escolhemos flores como tema e a partir daí trabalhamos em Arte e nas outras disciplinas, sobre flores. As professoras se empenharam em utilizar flores nos problemas matemáticos, nos textos em Língua Portuguesa, em Ciências um pouco sobre o plantio e sobre as partes de uma planta. Comprei um vaso de flor para cada turma. Na aula de Arte, demos nome às flores e as turmas junto às professoras ficaram responsáveis por cuidar daquele vaso, o que não suspeitávamos é que nem todas teriam jeito para o cultivo e as flores começaram a murchar, até que foram tiradas da sala e ao serem submetidas a ficar em espaço comum da escola, foram adotadas pela

Eli, Agente Escolar (limpeza) que leva muito jeito com plantas. Ela fez as flores reviverem e as replantou no canteiro da escola. Antes, conversando com ela, cheguei a propor que as crianças assistissem ao plantio, assim ela poderia ser a professora da vez e explicar como fazia, aproveitando também para compartilhar uma de suas habilidades que poucos conhecem, ela lisonjeada aceitou. Falei na ocasião com a diretora sobre a proposta, mas não conseguimos dar conta de realizar por impossibilidade nos horários e tarefas. As crianças também foram comunicadas da ideia. A intenção foi muito boa, mas aconteceu no caminho e a ação precisaria estar prevista com antecedência para se concretizar, por ter que desviar a Eli de sua função e ainda atrelar ao horário das crianças, que não fosse próximo ao intervalo e outras programações. Então a ideia se formou, pois partiu de algo vivo no processo, mas não se concretizou na prática, contudo movimentou a possibilidade e isso foi de grande valia, pois ao falar com a Eli, além de ter a parceria dela, valorizamos um conhecimento específico que ela tem, algo que é prazeroso e que está além de sua função na escola. Quanto às crianças, saber que a “tia” Eli poderia ensiná-las a mexer no jardim causou euforia e alegria. Trabalhar a interdisciplinaridade de Eli, seria fantástico.

Em Arte, os vasos foram desenhados a cada dia com um material diferente como lápis 6B, aquarela, lápis de cor, giz de cera. A cada dia um material e a cada dia o estado das flores mudava, lembrando que eu tinha um encontro semanal com cada turma. Fizemos esse trabalho em papel A4 dobrado ao meio, ao final virou um cartão com versões de um mesmo objeto de observação. Fizemos também cartazes coletivos com a palavra flor em várias línguas. Elas e eles a partir da curiosidade, perguntavam: como se diz flor em romeno, por exemplo, eu pesquisava no Google e escrevia na lousa, escutamos também a pronúncia. Brincamos, foi divertido. Por fim, tínhamos uma lista de mais de 20 escritas e produzimos um cartaz com letras largas, finas, grandes, pequenas, linhas, cores e formas diversas em variados idiomas.

Uma das professoras, que possui habilidades para o artesanato, se propôs a trabalhar dobradura e produziu uma série de flores, com formatos e papeis diferentes

que, nas aulas de Arte, tratamos de montar a exposição, fazíamos a curadoria dessa produção. Fizeram coisas lindas. Alguns registros desse período:

Figura 24- 3º ano C- Desenho de observação.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 25- Desenho de observação. Aquarela e lápis de cor, Estudante, 3ºD.



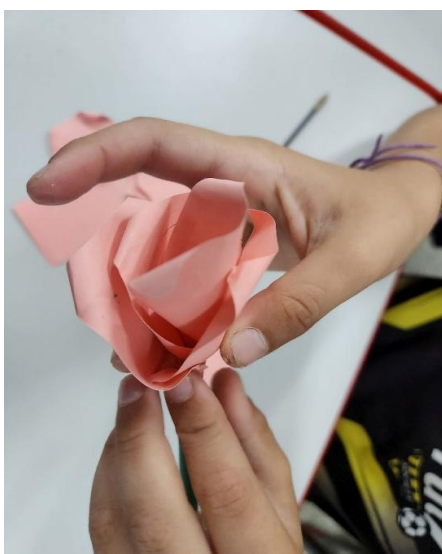
Fonte: elaborado pela autora, com base em atividade de estudante do 3º ano, 2023

Figura 26- Turama do 2º ano C. Desenho de observação.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 27- Feitura de rosa em papel. 3º ano D.



Fonte: elaborado pela autora com base em atividade de estudante, 2023

Não foi integralmente um planejamento interdisciplinar, compartilhamos as nossas ideias, mas não houve a intenção de transferência de métodos, avaliações etc., contudo o protagonismo das crianças na articulação do assunto entre uma aula e outra pode ser percebido, bem como a participação em sugerir ou até pedir coisas, indício de que se sentiram seguros no processo. A transdisciplinaridade atravessou as relações, o assunto esteve entre as disciplinas, através e além delas. De diversas formas, com diversas ferramentas, buscou-se a compreensão e a exploração do mote flor.

Houve também um dia atípico, desses como emenda de feriado que vão poucas crianças para a escola. As professoras propuseram que juntássemos todos na mesma sala, formando uma turma mista e aplicássemos atividades em conjunto, tudo colaborativo. A sugestão foi: uma atividade de Arte. Propus trabalhar com tinta, pois as crianças adoram, mas a logística de montar e desmontar tudo em 55 minutos de aula é sempre difícil, como teríamos mais tempo e mais professoras como apoio, era uma grande oportunidade. Disponibilizamos palitos de sorvete, algumas cores de tinta acrílica e papel sulfite. As crianças deveriam dobrar a folha ao meio e aplicar com os palitos uma quantidade da tinta desejada em um dos lados da folha, depois dobrar e pressionar, para que a tinta se espalhasse e multiplicasse a imagem, tornando-a espelhada, simétrica. As imagens abstratas foram muito admiradas pela beleza e por instigar a imaginação em busca de decifrar ou identificar algo próximo ao figurativo. Foi super divertido para todos. Segue registro da sala e do painel.

Figura 28- Atividade com turma mista.



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Figura 29- Imagens produzidas por alunas e alunos dos 2º, 3º, 4º e 5º anos.



Fonte: elaborado pela autora, com base em trabalhos de estudantes dos 2º, 3º 4º e 5º anos, 2023

4 O QUE FICA, O QUE ESTÁ

O pressuposto básico para o desenvolvimento da interdisciplinaridade é a comunicação, e a *comunicação* envolve sobretudo *participação*. A participação individual (do professor) só será garantida na medida em que a instituição (escola) compreender que o espaço para a “troca” é fundamental. (...) a alfabetização não termina com o domínio dos rudimentos da leitura e da escrita. É algo que acompanha o indivíduo por toda a vida. Inicia-se num primeiro olhar para as coisas do mundo (Fazenda, 2012, p. 94-95)

As duas palavras destacadas em *itálico*, são também pressupostos para a arte, tanto em sua fruição como em sua produção. Ao mesmo tempo que as considerações sobre alfabetização contempla o desenvolvimento da vida humana através da arte. De maneira geral e global, incluso não só o vivenciado academicamente, mas as transformações pessoais, íntimas e individuais, o processo no mestrado aconteceu em torno do projeto e a partir dele aprendizado e referencial teórico estudado, afirmam o feito, o exercício aplicado. O proposto que parecia de certa forma abstrato, se torna físico, palpável, concreto, com teorias que correspondem tanto com o proposto quanto com o realizado. Pessoalmente o ciclo que vai acontecendo no processo é, não sei se proposital, mas entendo que tecnicamente sim, vai acontecendo. Em minha orientação, tive direcionamentos que me conduziram a esse ciclo de descobertas autônomas e autorais, mas só possíveis porque mediadas, sugeridas e incentivadas pela orientadora, a querida professora Rejane. Noto as tarefas realizadas como parte dessa dissertação, as aulas foram construindo o pensamento e se encaixando no projeto como um quebra-cabeças, às vezes uma peça do canto que orienta todo aquele ângulo vazio, as vezes aquela peça solta do meio, mas que tem uma imagem tão forte que separamos como referência. Parece mágica, mas não é, e isso revela para mim uma academia humanizada e acessível.

Em meu projeto de pesquisa trouxe na proposta que, tendo como base as Artes Visuais, suas potencialidades e a experiência gerada no encontro do apreciar, compreender e produzir. O passeio à pinacoteca cabe bem, pois foi o contato com artes visuais de forma presencial, física, corporal, tanto para os estudantes, quanto

para as docentes e equipe gestora envolvidas no processo. Uma experiência. A partir da experiência gerada na visita, que compreende também estreitamento de laços, pois há uma prática diferenciada do cotidiano entre filas, intervalo, sala de aula, entrada e saída. Há um lugar novo onde é preciso cuidar-se e cuidar do outro, há a divisão de lanches, há o compartilhamento das descobertas, gostos etc. Em se tratando da interdisciplinaridade, a arte é a propositora e volta para a escola como tema de redação, roda de conversa e relatos nas aulas de Língua Portuguesa, estando a professora imersa na experiência também. Em se tratando da visita em si e da preocupação em contemplar a Abordagem Triangular no museu, principalmente o eixo produção, validamos como produto a reflexão, o exercício de investigar as obras e as descrever e inscrever nos cartões por sua conclusão de correspondência, ou seja, há uma produção de ideias a partir da leitura de imagem e da contextualização da obra em relação ao espaço, tempo e a si própria, pensando em cada criança.

O aprendizado significativo passa pela significância pessoal de cada pessoa com relação ao que foi visto e vivenciado, essa importância se faz na construção global de cada um, não estando esta segmentada. A proposta pedagógica a partir de projetos interdisciplinares dá respiro à descoberta de cada um e nutre as equipes pedagógicas que tendem a fortalecer vínculos entre si e seus estudantes, tornando o desenvolvimento intelectual, motor e emocional visíveis, é em si uma experiência estética. A contação de histórias se tratando de metáforas, foi significativamente validada. Nutriu também as equipes, quem não conseguiu ficar o tempo todo, passou para ver um pouquinho. Houve quem disse recordar coisas pessoais e de infância. Uma outra disse: eu pude estar ali como eu, sem ser professora, sem estar preocupada em cuidar das crianças, queria mais momentos como esse. E essas dividiram com os alunos comentários sinceros espontâneos sobre as histórias, não de maneira educativa pensada pedagogicamente. A proposta foi lúdica e lúcida no sentido de que as reverberações seriam aprendizados, mas não necessariamente precisam ter este nome institucionalizado.

Acredito que o meu ingresso no mestrado tenha mexido com a escola enquanto equipe, não só pela novidade e entusiasmo intelectual como por

questionamentos pessoais dos colegas sobre possibilidades profissionais, pessoais, aspirações da carreira e isso mexeu como um entusiasmo para fazer, produzir, viver novas coisas e assim se fizeram parcerias com aulas temáticas.

Sobre definições:

O projeto interdisciplinar parte da *dúvida*, da pergunta, das indagações, do diálogo, da *troca*, da reciprocidade. Iniciando-se por questionar quem é esse professor-alfabetizador, surge a oportunidade de questionar-se a qualidade de seu trabalho, como poderia fazer para melhorá-lo, que recursos, que técnicas ou teorias têm sido desenvolvidas para que a alfabetização possa realizar-se mais plenamente. (Fazenda, 2012, p.92)

A arte, a disciplina de Arte, as possíveis propostas disparadas a partir da perspectiva artística foram almeçadas por toda a equipe. Em diversos momentos houve, por partes das professoras polivalentes, compartilhamentos sobre algum feito artístico em suas aulas, abordagens artísticas que fizeram questão de realizar, mesmo que rasas por faltar formação específica, um olhar artificado e mais, um olhar que valoriza e possibilita a apropriação a aproximação através da arte foi manifestado e experimentado e isso é enorme.

Quando falamos em interdisciplinaridade na prática, há que ter planejamento conjunto, vontade e ação, mas o olhar interdisciplinar começa antes e é permanente. Penso inclusive como arte educadora, que devo abordar os quatro eixos artísticos: artes plásticas, teatro, dança e música, mesmo não sendo formada para as quatro especialidades, possuo em minha formação global experiências diversas que contemplam a estas e, enquanto educadora, alfabetizadora artística, não formarei atores, músicos, dançarinos ou artistas plásticos, colaborarei e alimentarei a formação de indivíduos, de modo que através da arte possam ver, entender e modificar o mundo, assim como em Língua Portuguesa se faz através de textos, da escrita. A transdisciplinaridade da arte que está nas disciplinas, entre e além delas, a arte que atravessa as áreas do conhecimento por transbordar possibilidades humanas e por estar ligada à compreensão de mundo, pode ampliar horizontes no que tange às metodologias de ensino e aprendizagem e pode elevar o nosso intelecto a integrar o que conhecemos, aprendemos e transformamos. A transformação partindo de nós é

incitada pela autoestima, pela capacidade de acreditar ser capaz de e, a arte, o acesso a ela traz consigo essa capacitação, portanto, uma sociedade com pessoas que acessam, falam e produzem arte ou sobre arte tende a ser mais justa e saudável. Não sendo ingênua a acreditar que um sistema social e econômico, por exemplo, muda apenas com a esfera da educação, mas sim, crendo que a educação é alicerce e parte essencial para toda e qualquer mudança social, que a arte possa entrar nos universos internos e externos de nossas crianças.

Vivemos a era inter. Estamos vivendo um tempo em que a atenção está voltada para a internet, interculturalidade, a interatividade, a interação, interrelação, a interdisciplinaridade e a integração das artes e dos meios, como modos de produção e significação desafiadores de limites, fronteiras e territórios. (Barbosa, 2008, p.01)

Criatividade é a combinação nova de coisas já conhecidas, coisas velhas que reformulam-se em coisas novas a partir da criação. Nesse processo está a vivência e a consciência de cada um, está a mensagem e a linguagem com que se quer comunicar, está em essência a materialidade e o intuitivo. É em si uma experiência estética, que ultrapassa o objeto artístico desde sua formulação, sendo assim um processo sólido, composto por diversos conhecimentos superados constantemente pela potência da arte, que transcende e transborda além das fronteiras das disciplinas, ao mesmo tempo que abarca e considera todas elas.

Para além de museus e galerias, a sala de aula pode e deve ser ateliê. Ateliê de História, ateliê de Língua Portuguesa, de Ciências, ateliê de vida, onde se pode comunicar, expressar e acima de tudo, criar novas possibilidades de se viver. O educador? O professor artista? Está aí, encantado com tantas possibilidades de compartilhamento. Importante não deixar de compartilhar por aqui, dentre as reflexões, descobertas e crescimentos, um pouco dos relatos expostos pelo grupo no decorrer das aulas e, nos quais, nos debruçamos em discussões e busca de atitudes político poéticas, educativas e escavadoras de sentidos. No cotidiano escolar, as propostas de atividades em uma perspectiva decolonial, ainda nesse contexto de educação contemporânea, enfrenta intolerância religiosa, preconceito estilístico, sobre música, dança e moda. Se tem pouco apoio pedagógico e de gestão, sem contar

dificuldades espaciais e materiais e, diante de tudo isso, educadores se reinventam e retomam o fôlego para que o existir e o viver façam sentido. Assim, percorrendo uma busca que não finda com respostas, pois a cada passo uma nova pergunta, curiosidade e vontade do novo surge, pois o professor é artista, é pesquisador, é aprendiz.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. *O ensino de artes e de inglês: uma experiência interdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 27-36.
- BARBOSA, Ana Mae. Entre memória e história. In: BARBOSA, Ana Mae. *Ensino da Arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 1-26.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte na Educação: Interterritorialidade refazendo interdisciplinaridade*. São Paulo: Rosari; Universidade Anhembi Morumbi; PUC-Rio; UNESP-Bauru, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.
- BARBOSA, Ana Mae. A virada epistemológica da arte/educação. *Revista VIS*, v. 21, n. 2, p. 10-25, jul./dez. 2022
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A participação da pesquisa no trabalho popular. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 15-32.
- DEWEY, John. Ter uma experiência. In: DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 13-38.
- FAZENDA, Ivani (org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FAZENDA, Ivani (coord.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2013.
- FERRIGNO, Antonio. *Preta quitandeira*, 1900. Pintura, óleo sobre tela, 181 x 126 cm. Disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=201000&id=11947&lang=PO&IPR=575>. Acesso em: 01 nov. 2025.
- FLEMMING, Alex. *Sem título*, 2016. Fotografia, impressão digital sobre vidro e base em concreto e madeira, 175 x 125 x 1,0 cm (1/2; Painel). Disponível em:

<https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=201000&id=21590&lang=br&IPR=5427>. Acesso em 16 nov. 2025.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LIMA, Sidney Peterson Ferreira. Caminhos pelas margens de um rio em constante movimento. In: LIMA, S. P. F. (Org.). *Arte e Pedagogia: a margem faz parte do rio*. São Paulo: Porto de Ideias, 2017. p. 11-30.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Ensinar/aprender arte no curso de pedagogia: desafios e perspectivas na formação docente. In: LIMA, S. P. F. (Org.). *Arte e Pedagogia: a margem faz parte do rio*. São Paulo: Porto de Ideias, 2017. p. 55-70.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho (orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PRANDINI, R. C. A. R. A constituição da pessoa: integração funcional. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Orgs.). *A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 25-46.

PARSONS, Michael. Curriculum, arte e cognição integrados. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 93-104.

SEGALL, Lasar. *Bananal*. 1927. Pintura, óleo sobre tela, 87 x 127 cm. Disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?id=15342&ns=201000&lang=br&c=pesquisa&IPR=1900>. Acesso em: 01 nov. 2025.

SERPA, Ivan. *Figura*, 1964. Pintura, óleo sobre tela, 134 x 203 cm. Disponível em: <https://acervo.pinacoteca.org.br/online/ficha.aspx?ns=201000&id=8082&lang=BR&IPR=7644>. Acesso em 16 nov. 2025.